



## UNESPetro

LIVROS CONFIRMAM VOCAÇÃO DE FORMAR ESPECIALISTAS E DE DESENVOLVER PESQUISAS EM GEOLOGIA DO PETRÓLEO

MICROCEFALIA

ENTREVISTA DISCUTE

LEGISLAÇÃO SOBRE ABORTO

FOTOGRAFIA

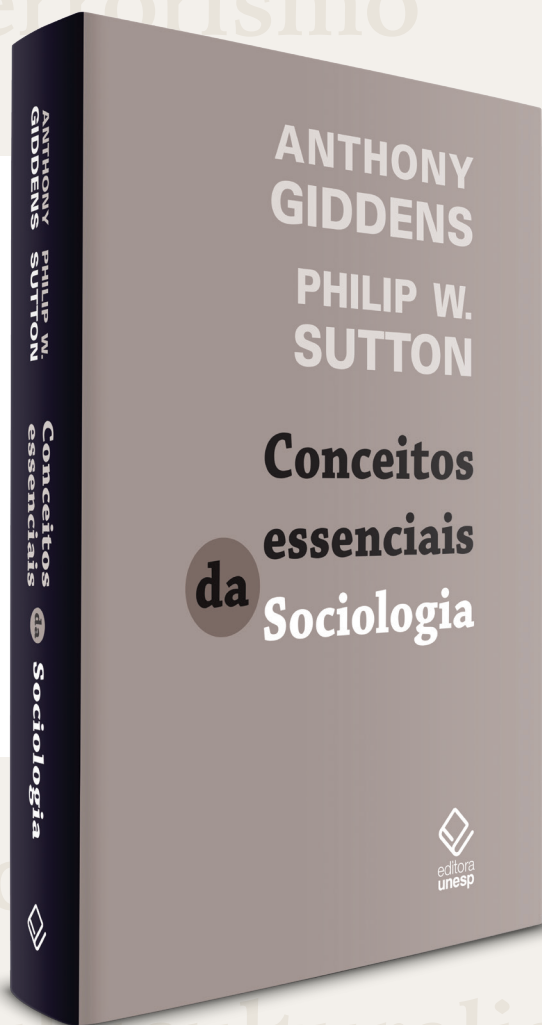
OBRA MOSTRA AS VENDEDORAS

DE HORTALIÇAS NA CHINA



# Conceitos essenciais da **Sociologia**

**Anthony Giddens  
e Philip W. Sutton**



Este livro é uma espécie de manual contemporâneo da Sociologia, apresentando 67 de seus conceitos essenciais. Com uma linguagem clara e concisa, Anthony Giddens e Philip W. Sutton explicam terminologias e ideias fundamentais dessa disciplina, bem como suas origens e suas aplicações contemporâneas, obtendo, ao final, uma obra que fornece um panorama atualizado dos desenvolvimentos da Sociologia nos últimos 150 anos.

352 pág.  
R\$ 68,00



*Produzir conteúdo,  
Compartilhar conhecimento.  
Editora Unesp, desde 1987  
[www.editoraunesp.com.br](http://www.editoraunesp.com.br)*



Governador  
Geraldo Alckmin

Secretaria de Desenvolvimento  
Econômico, Ciência, Tecnologia  
e Inovação

Márcio França



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Reitor

Julio Cezar Durigan

Vice-reitora

Marilza Vieira Cunha Rudge

Pró-reitor de Administração

Carlos Antonio Gamero

Pró-reitor de Pós-Graduação

Eduardo Kokubun

Pró-reitor de Graduação

Laurence Duarte Colvara

Pró-reitora de Extensão Universitária

Mariângela Spotti Lopes Fujita

Pró-reitora de Pesquisa

Maria José Soares Mendes Giannini

Secretária-geral

Maria Dalva Silva Pagotto

Chefe de Gabinete

Roberval Daiton Vieira

Assessor-chefe da Assessoria de

Comunicação e Imprensa

Oscar D'Ambrosio



editora  
unesp  
fundação

Presidente do Conselho Curador

Mário Sérgio Vasconcelos

Diretor-presidente

Jézio Hernani Bomfim Gutierrez

Editor-executivo

Túlio Kawata

Superintendente administrativo e financeiro

William de Souza Agostinho



unespciencia

Diretor de redação Oscar D'Ambrosio

Arte Hankô Design (Ricardo Miura)

Assistente de arte Andréa Cardoso

Colaboradores Antonio Fernando Monteiro Camargo,

Antonio R. Esteves, Cristiano Morini, Danielle Pereira de

Araújo, Fabiola Spianorello, João Eduardo Hidalgo, Lin

Chau Ming, Liu Nian, Marianne Ramos Feijó, Maristela

Garmes, Oscar D'Ambrosio, Paulo Henrique Martinez,

Sérgio Roberto Silveira (texto); Chello Fotógrafo (foto)

Revisão Maria Luiza Simões

Projeto gráfico Hankô Design (Ricardo Miura)

Produção Mara Regina Marcato

Apoio de internet Marcelo Carneiro da Silva

Apoio administrativo Thiago Henrique Lúcio

Endereço Rua Quirino de Andrade, 215, 4º andar, CEP

01049-010, São Paulo, SP. Tel. (11) 5627-0327.

www.unesp-ciencia.com.br

revistaunespciencia@reitoria.unesp.br

Impressão Coan Gráfica

Tiragem 6 mil exemplares

É autorizada a reprodução total ou parcial de textos e imagens desde que citada a fonte. Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da Universidade.

# A importância da ciência

Estreou no Brasil em março o filme *Um Homem Entre Gigantes* (*Concussion*), um thriller dramático baseado na história real do Dr. Bennet Omalu, interpretado por Will Smith, neuropatologista forense que fez a primeira descoberta do TCE, um trauma cerebral relacionado à prática do futebol americano. Sua luta para que sua descoberta fosse reconhecida o fez bater de frente com os dirigentes de um dos esportes mais populares dos EUA.

A discussão trazida pela obra cinematográfica, dirigida por Peter Landesman, é relevante para cientistas de todo o mundo de todas as áreas do conhecimento. É nessa atmosfera de devoção ao saber que a pesquisa pode gerar que destacamos os assuntos desta edição da revista **unespciencia**.

Começamos com uma jornada por estudos ecológicos na bacia hidrográfica do rio Itanhaém. Depois, penetramos numa pesquisa com 200 imagens do Estado de São Paulo. São textos preparatórios para a matéria de capa, que reúne três publicações da UNESPetro, instituição com sede na Unesp de Rio Claro que objetiva a formação de especialistas com ênfase em rochas carbonáticas, que formam a camada pré-sal e outros importantes reservatórios petrolíferos brasileiros.

O percurso continua com o Dossiê Afrodescendentes, entrevista com professor de Direito Penal de Franca sobre microcefalia e legislação sobre o aborto, artigo sobre métodos de ensinar os tons em Mandarin, livros sobre as vendedoras de hortaliças de Shangai e de autoria do filósofo escocês David Hume, textos sobre os filmes *O filho de Saul*, vencedor do Oscar 2016 de melhor filme estrangeiro, e *Joy* (*O nome do sucesso*), analisado pela ótica do empreendedorismo, fotografia de aula inaugural de cursos de especialização na área da Educação Especial, na modalidade semipresencial, oferecidos pela Prefeitura de São Paulo em parceria com o Núcleo de Educação a Distância (NEaD) da Unesp, e análise da presença da História Mundial na Base Nacional Curricular Comum da Educação Básica.

Boa leitura de ciência da melhor qualidade!

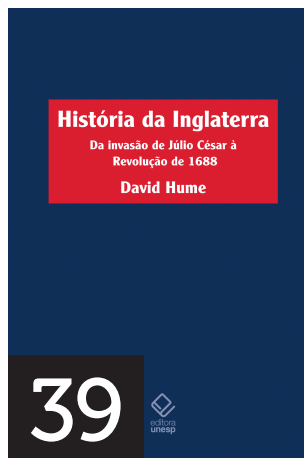


06

**UNESP 40 ANOS –  
CURSO DE ECOLOGIA  
DE RIO CLARO**

Estudos Ecológicos na  
Bacia Hidrográfica do  
Rio Itanhaém

ANTONIO FERNANDO  
MONTEIRO CAMARGO



39

**LEITURA**

Filósofo analisa atores,  
valores e instituições

**ENTREVISTA**

Microcefalia: professor  
analisa legislação  
sobre o aborto

PAULO CÉSAR BORGES

14

**GEOLOGIA**

Dados inéditos da geologia  
do petróleo no país

OSCAR D'AMBROSIO



26

10

**HISTÓRIA**

Livro *São Paulo em 200 imagens*

ANTONIO R. ESTEVES

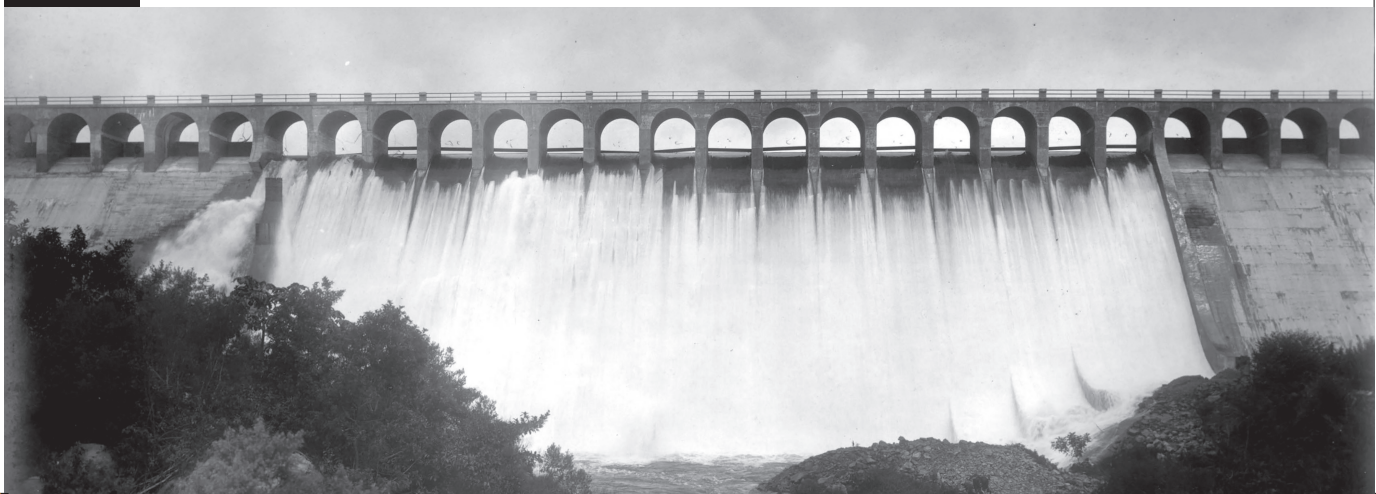


30

**CHINA**

Os métodos de ensinar  
os tons em Mandarim

LIU NIAN





34

**FOTOGRAFIA**  
As vendedoras  
de hortaliças de  
Shanghai  
LIN CHAU MING



50

**OPINIÃO**  
História  
Mundial na  
Base Nacional  
Curricular  
PAULO HENRIQUE  
MARTINEZ



48

**FOTO DO MÊS**  
CHELLO FOTÓGRAFO



40

**CINEMA**  
*O filho de Saul*  
em Auschwitz  
JOÃO EDUARDO  
HIDALGO



44

**INOVAÇÃO**  
Joy como personificação  
do empreendedorismo  
FABIOLA SPIANDORELLO

**DOSSIÊ**  
**AFRODESCENDENTES**  
O corpo e os  
múltiplos sentidos  
na cultura religiosa  
afro-brasileira do  
candomblé

SÉRGIO ROBERTO SILVEIRA  
Desafios sobre a  
atuação da ONU no  
combate à eliminação  
da desigualdade racial:

o caso brasileiro  
DANIELLE PEREIRA DE  
ARAÚJO e CRISTIANO  
MORINI

22



## Estudos Ecológicos na Bacia Hidrográfica do Rio Itanhaém

ESTUDOS TÊM ENVOLVIDO VÁRIOS ALUNOS DE GRADUAÇÃO EM ECOLOGIA, CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DE PÓS-GRADUAÇÃO

**E**m 2016 o curso de Ecologia de Rio Claro, assim como a Unesp, completa 40 anos. No terceiro artigo da série comemorativa de reportagens a serem publicadas ao longo do ano na **unespciência** é contada a história do envolvimento dos alunos do curso em suas pesquisas.

Março de 1989, dois alunos do segundo ano do curso de graduação em Ecologia (Alexandre Schiavetti e Luís Mauricio Bini) entram na minha sala em busca de uma oportunidade de estágio. Embora com pouco menos de três anos de casa, eu já era responsável pelo laboratório de Ecologia Aquática do Departamento de Ecologia, onde fazíamos algumas análises sobre qualidade da água. Esses alunos começaram a frequentar o laboratório para aprender e auxiliar o técnico do departamento, Carlos Fernando Sanches, nas análises. Passados alguns meses o Mauricio pediu que eu lhe

emprestasse alguns equipamentos, para que ele analisasse sozinho um pequeno canal de mangue em Cananeia (sul do Estado de São Paulo), cidade onde seus pais moravam, que ele achava que estava poluído. Não lhe emprestei os equipamentos – mesmo porque, as medidas possíveis de serem realizadas não dariam resposta alguma sobre poluição aquática.

No entanto, me interessei em estudar rios do litoral paulista, pois na época estudos ecológicos sobre rios no Brasil e estudos em ambientes costeiros no Estado de São Paulo eram quase inexistentes. Além de Cananeia, pensei em estudar os rios localizados no município de Itanhaém (também litoral sul paulista), pois conhecia a cidade e alguns rios, como o rio Itanhaém e seus formadores, rios Preto e Branco. Assim, elaborei um projeto para estudar rios da região de Cananeia e Itanhaém e encaminhei ao CNPq solicitando algum recurso e duas bol-





© Foto: Pôr do sol, Rio Itanhaém / Antonio Fernando Monteiro Camargo

sas de iniciação científica para os meus dois alunos da graduação em Ecologia. O projeto foi aprovado e em março de 1990 fizemos a primeira viagem de coleta. Desta viagem participaram, além de mim, o técnico Carlos e os meus alunos. O Luís Mauricio Bini atualmente é docente da Universidade Federal de Goiás e o Alexandre Schiavetti é docente da Universidade Estadual de Santa Cruz – ambos são pesquisadores renomados e bolsistas de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

Desde então não paramos mais. Ao longo dos últimos 26 anos realizamos, a cada três meses, com o apoio financeiro do CNPq e da Fapesp, um monitoramento das características abióticas (temperatura, pH, condutividade elétrica, oxigênio dissolvido e diferentes formas de nitrogênio e fósforo) dos principais rios da bacia, em cerca de 20 pontos de coleta. Estes estudos têm envolvido vários alunos de

graduação em Ecologia, Ciências Biológicas e de Pós-Graduação. Inicialmente a maioria dos estudos se concentrava na comunidade de macrófitas aquáticas (plantas que vivem na água; minha especialidade), mas ao longo dos anos outras comunidades aquáticas e abordagens passaram a ser consideradas e a pesquisa ganhou o nome de “Estudos Ecológicos na Bacia Hidrográfica do Rio Itanhaém”. Por exemplo, em 1999 a ecóloga Denise de Oliveira, junto com o Dr. Dimas Dias-Brito do Departamento de Geologia Aplicada (IGCE/Rio Claro), incluiu as tecamebas e os foraminíferos no estudo da bacia.

A participação de alunos de graduação em Ecologia nos estudos em Itanhaém foi fundamental para a ampliação da abordagem e para considerarmos a bacia hidrográfica como a unidade de estudo. Em 2002, o ecólogo Lúcio Alberto Pereira, sob minha orienta-



**Antonio Fernando Monteiro Camargo**  
é professor do  
Departamento de  
Ecologia do Instituto  
de Biociências da  
Unesp de Rio Claro.

ção, defendeu sua tese de doutorado na qual investigamos relações entre características fisiográficas da bacia (relevo, formação vegetal, características geológicas) e de uso do solo (áreas urbanas, agrícolas) com as características físicas e químicas da água dos rios. Os resultados mostraram claramente que nas áreas urbanas a água dos rios apresentava altos índices de poluição. Além da continuidade do monitoramento das variáveis abióticas da água dos rios, outros estudos sobre comunidades aquáticas mostraram que a bacia do rio Itanhaém possui um gradiente de características no sentido cabeceira-foz. Por exemplo, as macrófitas se distribuem em um gradiente, com espécies adaptadas a maior salinidade na parte do estuário, espécies de água doce na parte intermediária e espécies submersas na parte próxima da serra.

### O PROJETO TEM COMO TEMA CENTRAL O ESTUDO ECOLÓGICO DE LONGO PRAZO SOBRE A DINÂMICA DOS ECOSISTEMAS DA BACIA DO RIO ITANHAÉM

No segundo semestre de 2012 o CNPq lançou o edital Programa Ecológico de Longa Duração (PELD). Este programa foi iniciado em 1999 e neste último edital resolvi concorrer após conversas com alguns colegas. Assim, montamos um projeto intitulado “Estrutura e dinâmica de comunidades em rios e riachos costeiros da Mata Atlântica: Bacia do Rio Itanhaém”.

O projeto tem como tema central o estudo ecológico de longo prazo sobre a dinâmica dos ecossistemas da bacia do rio Itanhaém e é composto por subprojetos com objetivos e temáticas independentes, mas com interligação entre eles. Os subprojetos são coordenados por diferentes pesquisadores, da Unesp e de outras instituições, e são intitulados: i) Diversidade beta espacial e temporal em macroinvertebrados de riachos; ii) Seleção de habitat e persistência temporal em peixes de riachos; iii) Modelagem de distribuição geográfica potencial de comunidades de macrófitas aquá-






© Fotos: Antonio Fernando Monteiro Camargo



Acima à esquerda, coleta de peixes em riacho tributário do rio Branco. À direita, banco de macrófitas aquáticas (*Ninféias* em primeiro plano) no rio Preto.

ticas; iv) Avaliação da variabilidade espacial e temporal do fitoplâncton; e v) Divulgação científica: novos caminhos para a participação social no município de Itanhaém.

O que agrega todos os subprojetos, além da área geográfica, é o fato de serem realizados concomitantemente e por termos uma base de dados georreferenciados relativos à paisagem da área de estudo, da zona ripária e de variáveis aquáticas da rede hidrográfica. Esse conjunto de dados tem nos permitido monitorar e mapear as mudanças no uso do solo da bacia em escala espaço-temporal e analisar a relação entre tais mudanças na paisagem e os componentes bióticos e abióticos no contexto da bacia hidrográfica. Além disso, continuamos a avaliar as alterações dos ecossistemas aquáticos em relação ao surgimento de novos impactos (ocupação humana, poluição e mudanças no clima) e a oferecer oportunidades de formação qualificada aos futuros Ecólogos Unespianos. 

Membros da equipe do Projeto PELD preparados para amostragens em riachos da bacia do rio Itanhaém.



## Livro *São Paulo em 200 imagens*

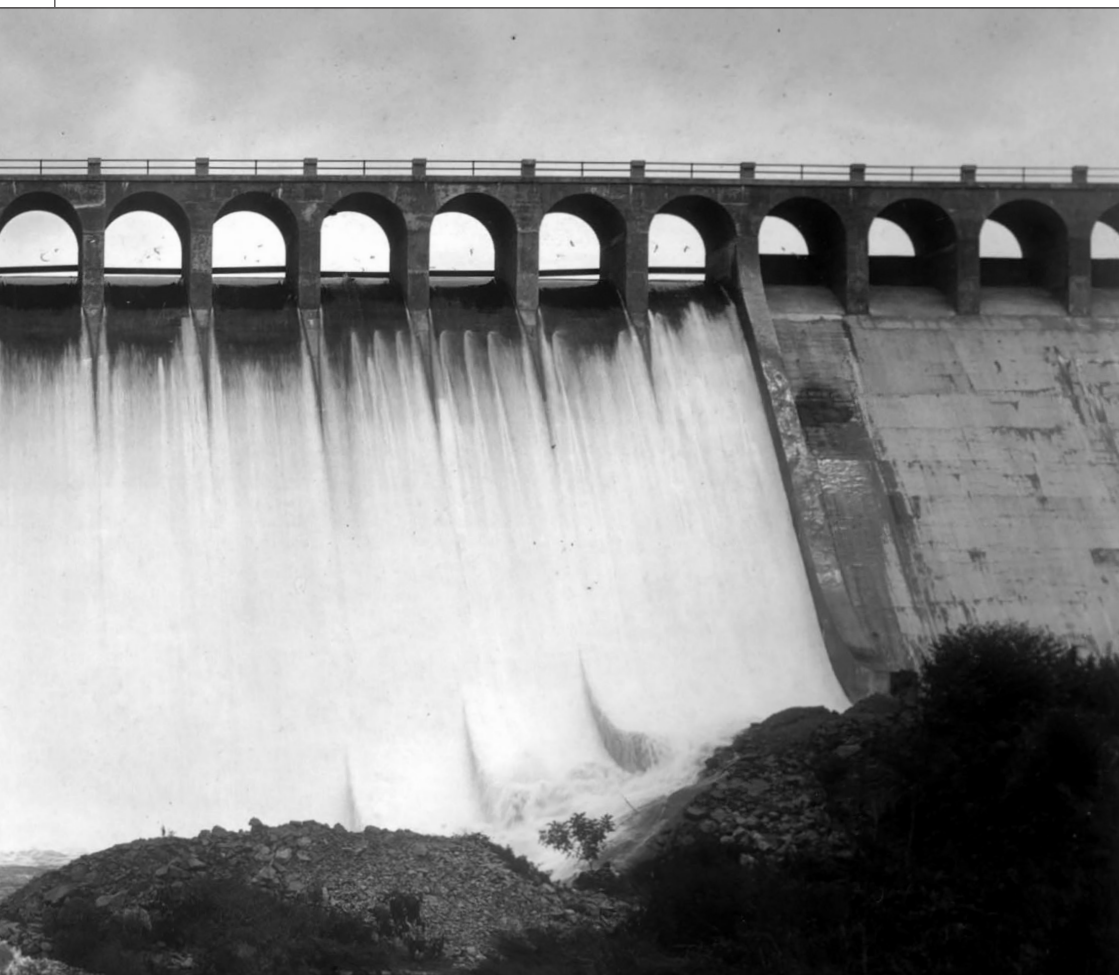
DOUTOR  
PELA UNESP  
PARTICIPA DA  
ORGANIZAÇÃO  
E CURADORIA DE  
OBRA DE FOTOS  
SOBRE A CIDADE

A Fundação Energia e Saneamento acaba de lançar o livro *São Paulo em 200 imagens*, que reúne uma seleção de duzentas fotos das milhares que constituem seu vasto acervo, que reúne documentos que tratam da memória da energia e do saneamento no Estado de São Paulo, cobrindo desde meados do século XIX até o século XXI.

Com 156 páginas, o volume, editado por Isabel Regina Felix, traz tanto fotos icônicas quanto menos conhecidas do acervo, provenientes dos Fundos Comgás (originário da empresa The San Paulo Gas Company Ltd.), Eletropaulo (originário da The São Paulo Tramway, Light and Power Company, Ltd.) e CESP, assim como de coleções de particulares, adquiridas ou doadas à Fundação.

Apresentados sem preocupação cronológica, tais registros fotográficos contemplam diferen-

tes lugares, pessoas, cenários e momentos de relevância histórica no Estado de São Paulo. Podemos citar, por exemplo, a imagem do carro de bois estacionado em frente à Igreja Matriz de Santo Amaro, captada pela lente do fotógrafo anônimo em março de 1900. Ou a imagem de operários que fazem uma pausa para o café da manhã enquanto trabalham nas primeiras linhas de transmissão de energia elétrica da cidade; os estrangeiros reunidos na entrada da Hospedaria dos Imigrantes, na Mooca; ou o primeiro craque do futebol brasileiro, Arthur Friedenreich, que se alistou no chamado Batalhão Esportista dos Constitucionalistas de 1932, dentre outras. Vale ressaltar que o livro traz também imagens de figuras históricas como o ex-presidente Juscelino Kubitschek, os ex-governadores Lucas Nogueira Garcez e Pedro de Toledo, entre outras.



(ao lado) Usina Hidrelétrica Itupararanga. Votorantim – SP. Fevereiro, 1917 (Foto: Guilherme Gaensly)

(abaixo) Transporte de placas para construção de 12 pés de diâmetro, na Hidrelétrica Parnaíba. Santana do Parnaíba – SP (29/9/1900)



Antonio R. Esteves é professor da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Assis

ANTONIO R. ESTEVES



**1** Anhangabaú. Ao fundo, o Viaduto do Chá e o Edifício Alexandre Mackenzie, Centro. São Paulo – SP. S.d.

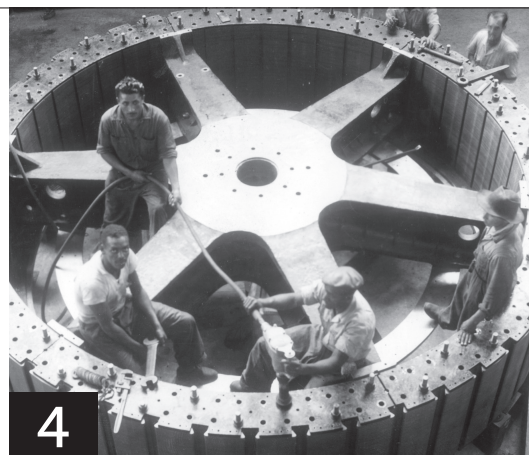
**2** Juscelino Kubitschek (à esq.) e Armando Laydner na inauguração da Hidrelétrica Salto Grande. Salto Grande – SP. 28/4/1958



O livro está dividido em três partes. A primeira delas, São Paulo em movimento, reúne imagens da capital e do interior paulista – Taubaté, Jacaré, Itu, Salto, Boituva e Indaiatuba – no início do século 20. Na segunda, Paisagem Urbana, ganham espaço a arquitetura e a estética das edificações do interior, da Capital e do litoral do Estado, apresentando tanto os prédios de valor histórico e cultural, simbólicos, quanto os pouco conhecidos, mas que desempenharam um papel importante nas mudanças de infraestrutura pelas quais o Estado passou. A última parte está dedicada especialmente à Energia, na qual ganha destaque a figura do trabalhador nas grandes obras do setor e na manutenção dos serviços de eletricidade, tão essenciais para as mudanças que influenciariam, para sempre, a vida em sociedade. [UC](#)



3



4

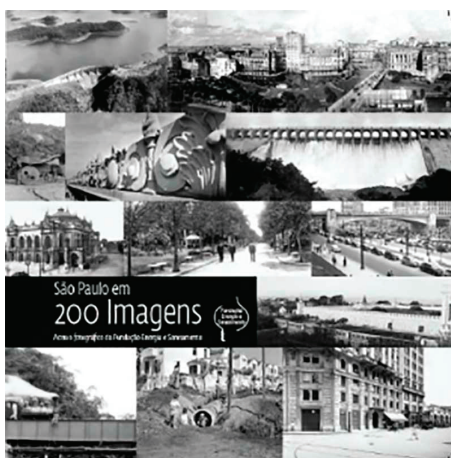


5

**3** Revolução de 1932. Batalhão Esportista. Da esquerda para a direita, o primeiro da segunda fila é o jogador Arthur Friedenreich. São Paulo – SP

**4** Projeto da Serra/ Usina de Cubatão. Aranha do rotor. 23/2/1952

**5** Imigrantes reunidos na Hospedaria dos Imigrantes do Brás. São Paulo – SP. Ca. 1896-1900 (Foto: Gaensly & Lindemann)



**SOBRE O LIVRO**

A curadoria de imagens do livro esteve a cargo de Miguel Zioli (mzioli@uol.com.br), egresso do Programa de Pós-graduação em História da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da Unesp de Assis, onde obteve os títulos de Mestre e Doutor em História Social. Zioli, que também realizou a pesquisa histórica que embasou o trabalho (juntamente com Maira Andrade Scarello), tem se dedicado à história do Estado de São Paulo desde seus estudos de Mestrado e Doutorado.

**ONDE ENCONTRAR**

O livro pode ser adquirido na sede da Fundação Energia e Saneamento/Museu da Energia de São Paulo, na Alameda Cleveland, 601, esquina com Alameda Nothmann, Campos Elíseos, São Paulo, Tel.: 11-3224-1496 ou pelo e-mail <biblioteca@energiaesaneamento.org.br>.

Petrobras extrai petróleo do pré-sal pela primeira vez em setembro de 2008. No campo de Tupi a fase de extração petrolífera chamada de “teste de longa duração” teve início em maio de 2009.



# Dados inéditos da geologia do petróleo no país

ATLAS PIONEIROS PUBLICADOS PELA UNESPETRO PASSAM A SER REFERÊNCIAS NACIONAIS E INTERNACIONAIS

○ UNESPetro, com sede na Unesp de Rio Claro, é um polo de formação de especialistas e de desenvolvimento de pesquisas, com ênfase em rochas carbonáticas, que formam a camada pré-sal e outros importantes reservatórios petrolíferos brasileiros.

Os carbonatos do Cretáceo brasileiro não somente contêm as grandes reservas de hidrocarbonetos do Pré-Sal, mas também acumulam significativos volumes no Pós-Sal.

Resultado da parceria da Unesp com a Petrobras, o UNESPetro é uma das principais iniciativas para o desenvolvimento do Sistema de Capacitação, Ciência e Tecnologia

em Carbonatos (SCTC), fruto de um acordo firmado em fevereiro de 2010 entre a Petrobras, a Unesp e as Universidades Estadual de Campinas (Unicamp), Estadual do Norte Fluminense (Uenf), Federal Fluminense (UFF) e Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O SCTC visa avanços no conhecimento das rochas carbonáticas, ainda pouco conhecidas.

Entre as conquistas do UNESPetro, está a produção de publicações com dados inéditos da geologia do petróleo no país. Três delas, recentemente lançadas, são as primeiras do gênero em língua portuguesa e pioneiras em suas temáticas.

OSCAR D'AMBROSIO

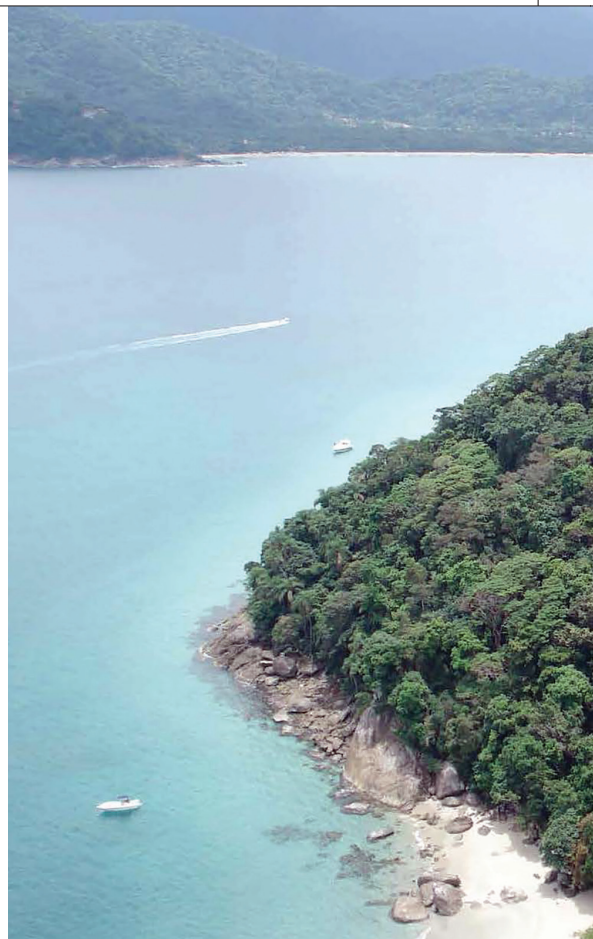


Iha do Cardoso, cerco de pesca. (SP)

### *SENSIBILIDADE DO LITORAL PAULISTA A DERRAMAMENTOS DE PETRÓLEO.*

Este Atlas, com 128 cartas Sensibilidade ao Óleo (SAO), configura-se como relevante contribuição ao sistema de proteção do litoral paulista. Passa a constituir consistente apoio às futuras operações de emergência em caso de derramamentos de óleo no mar, agregando informações de detalhe aos mapeamentos já realizados por órgãos ambientais e empresas privadas. A obra está acessível em <<http://goo.gl/lAh8ra>>.

O mapeamento foi desenvolvido pela Unesp, Câmpus de Rio Claro, no âmbito do Programa de Formação de Recursos Humanos em Geologia e Ciências Ambientais Aplicadas ao Setor de Petróleo, Gás e Biocombustíveis – PRH 05. Recebeu o amplo apoio do Programa Nacional de Formação de RH coordenado pela Agência Nacional de Petróleo e Biocombustíveis – PRH/ANP, com o suporte financeiro do Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação, via Finep – Financiadora de Estudos e Projetos.





Ao lado, costões no litoral norte e, abaixo, praia dissipativa fortemente urbanizada, orla do Guarujá.



## CONJUNTO DE INFORMAÇÕES PASSA A CONSTITUIR UMA BASE ORGANIZADA E DISPONÍVEL PARA AÇÕES CONTRA VAZAMENTOS NO LITORAL PAULISTA

O livro conclui que o litoral paulista apresenta, de fato, elevada vulnerabilidade a vazamentos de óleo. Tal fato decorre da combinação da elevada sensibilidade de seus ecossistemas com o crescente aumento da suscetibilidade da região a acidentes envolvendo hidrocarbonetos. Este último fato conecta-se à forte expansão da exploração e exploração petrolífera nas bacias sedimentares do sudeste do Brasil, em especial na Bacia de Santos.

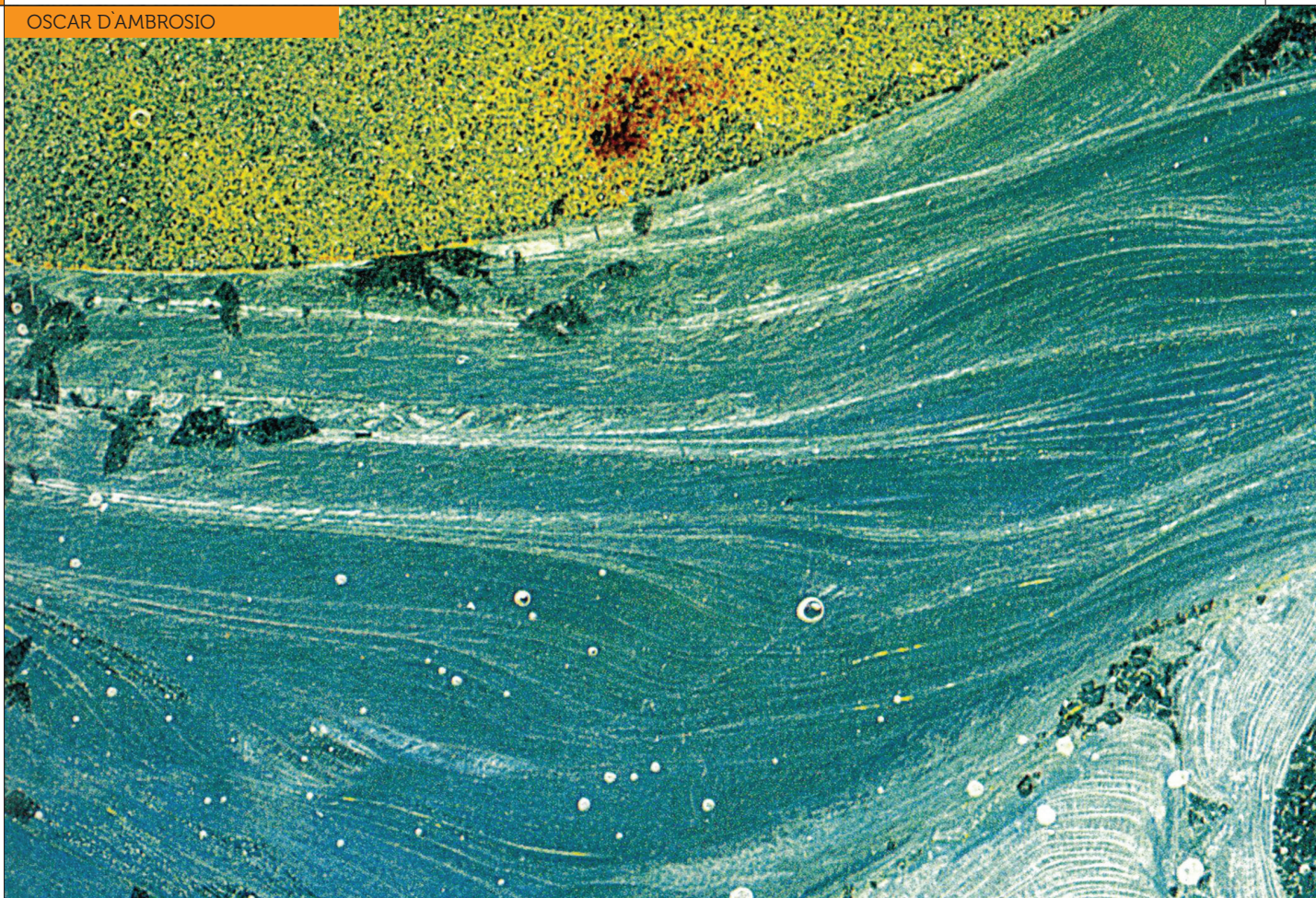
Os levantamentos que foram realizados na escala de detalhe permitiram agregar, em 121 cartas operacionais, um conjunto relevante de informações que passa a constituir uma base organizada e disponível para sustentar ações de combate e mitigação de eventos de vazamento no litoral paulista.

O cenário encontrado no presente estudo reforça a necessidade de integração das car-

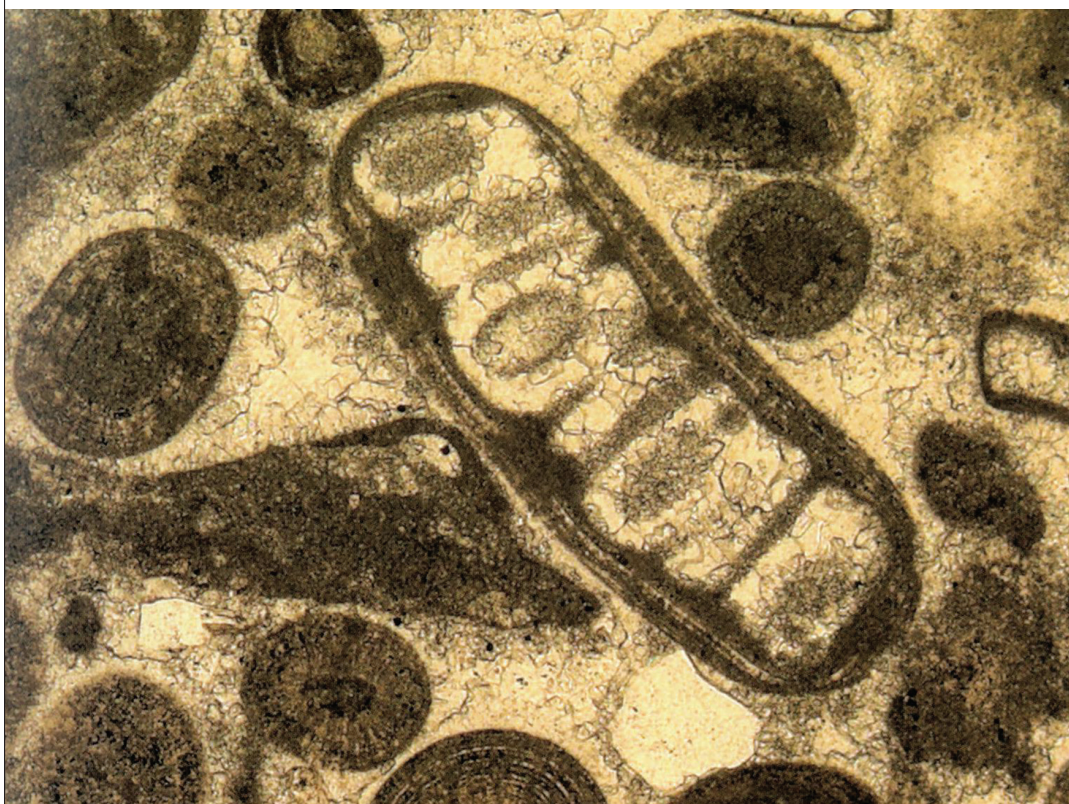


A obra está acessível em  
<<http://goo.gl/IAh8ra>>

OSCAR D'AMBROSIO

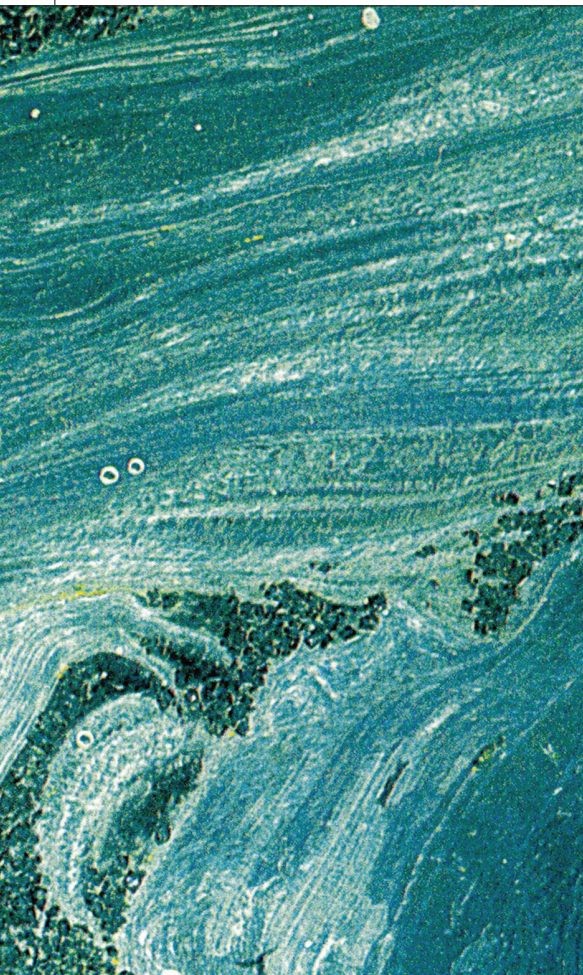


© Reprodução/Imagem escaneada/Lamina UNESPetro SE-12-2A-242



**Grainstone oolítico.**  
Destaque para *Neomeris*  
em núcleo de oolide,  
ambiente tropical,  
agitado. Bacia de  
Sergipe-Alagoas, Albino,  
formação Riachuelo,  
Usina Pinheiro

© Reprodução/UNESPetro SE-9B-159



**Picnodontídeo (Ostreida).  
Bacia de Sergipe-Alagoas,  
Albino, Formação  
Riachuelo, Carapeba**



### **CALCÁRIOS DO CRETÁCEO DO BRASIL: UM ATLAS**

Autores e editores do Atlas, Dias-Brito, do IGCE, e Paulo Tibana, pioneiro no Brasil no estudo de rochas carbonáticas e professor associado do UNESPetro, oferecem um panorama das rochas calcárias do Cretáceo do Brasil, apresentando uma síntese das características petrográficas das principais unidades carbo-

### **LIVRO FACILITA ESTUDOS DE CARÁTER LOCAL E REGIONAL NAS ÁREAS DE EXPLORAÇÃO E PRODUÇÃO, TANTO NA INDÚSTRIA COMO NO MEIO ACADÊMICO**

náticas aflorantes no país e de alguns importantes depósitos situados em subsuperfície.

O Atlas exhibe rochas que, majoritariamente, tiveram sua gênese relacionada à evolução do Atlântico Sul e cobre o intervalo estratigráfico Cretáceo Inferior – Cretáceo Superior. A publi-

tas SAO costeiras aos mapas de sensibilidade fluvial e terrestre, ainda incipientes no Brasil. Isto porque muitos acidentes evoluem de ambientes terrestres para ambientes fluviais e costeiros, como no caso de rompimentos de dutos terrestres e problemas verificados em terminais fluviais. Atenção especial deve ser dada à integração dos Mapas de Sensibilidade Ambiental de dutos (metodologia MARA) com as Cartas SAO.

Tendo em vista o Plano Nacional de Contingências, os autores recomendam a implementação de uma estratégia de gestão e integração das Cartas SAO produzidas no Estado de São Paulo e na costa brasileira por meio de bancos de dados interativos e de uso público.

Os coordenadores da obra são Dimas Dias-Brito e Paulina Setti Ridell, do Instituto de Geociências e Ciências Exatas – IGCE da Unesp/Rio Claro; e João Carlos Carvalho Milanelli e Arthur Wiczorek, pesquisadores associados da UNESPetro.

cação, de caráter petrográfico e microfaciológico, traz, em suas 576 páginas, um conjunto de mais de 1.500 imagens, incluindo fotomicrografias, imagens capturadas a partir de scanner de alta resolução e fotografias de afloramentos, além de 12 mapas e 24 ilustrações.

O livro serve como referência para o estudo de seções carbonáticas em bacias sedimentares brasileiras e da margem ocidental africana. Facilita estudos de caráter local e regional nas áreas de Exploração e Produção, tanto na indústria como no meio acadêmico. Permite, também, em escala global, comparações no âmbito de pesquisas paleoecológicas, paleobiogeográficas e paleo-oceanográficas.

#### **MICROBIALITOS DO BRASIL: DO PRÉ-CAMBRIANO AO RECENTE**

Este Atlas, ao realçar os esforços empreendidos pelo UNESPetro, trata de depósitos cuja origem e características interessam de perto aos estudiosos das rochas carbonáticas do Pré-Sal.

A publicação, que tem como autores e editores Thomas R. Fairchild, professor-pesquisador associado do UNESPetro, Rosemarie Rohn e Dimas Dias-Brito, ambos do IGCE, é decorrente do marcante evento de descoberta dos campos gigantes de hidrocarbonetos nas Bacias de Santos e Campos. Pode ser considerada uma resposta da academia brasileira no campo da investigação das curiosas e complexas rochas que armazenam imensos volumes de petróleo.

#### **OBRAS SÃO AS PRIMEIRAS DO GÊNERO NA LITERATURA GEOCIENTÍFICA DE LÍNGUA PORTUGUESA**

O Atlas é um documento eminentemente fotográfico com o objetivo de expor aspectos variados dos microbialitos, um grupo de carbonatos relativamente pouco estudado, mas de grande relevância geocientífica e econômica.

O valor científico da publicação é enorme por focalizar rochas e ambientes que, em território nacional, contêm os sinais e processos dos primórdios da vida e inserem o registro sedimentar microbiano do Brasil em patamar de destaque no cenário mundial. A obra passa





A



B

**Ritmito calcário finamente laminado com estruturas *tepee* bem desenvolvidas na Fazenda Catavento.**

**A** Afloramento no quintal da casa na entrada da fazenda, 1 km a leste do povoado Achado, município de Irecê, BA.

**B** Padrão típico do ritmito, com os estratos e as estruturas *tepee* ressaltadas por intemperismo. Topo estratigráfico à direita.




a ser uma nova referência para aqueles que investigam microbialitos, cuja observação permite descrever estruturas e feições de porosidade com implicação direta em modelos de reservatórios carbonáticos.

A obra apresenta mais de 40 ocorrências de carbonatos microbianos no Brasil, envolvendo um intervalo de mais de dois bilhões de anos. Tais ocorrências foram selecionadas com base na qualidade dos afloramentos, abundância, representatividade e variedade.

A obra ilustra os microbialitos fósseis e recentes em escalas megascópica e microscópica, com cuidado especial para diferenciar, criteriosamente e com clareza, os seus morfotipos, de modo a poder aplicá-los em interpretações sedimentológicas, paleoambientais e estratigráficas.

### ACERVO DIDÁTICO

Dimas Dias conclui que as obras sobre Calcários e Microbialitos são as primeiras do gênero na literatura geocientífica de língua portuguesa e apresentam um acervo organizado e didático de imagens, dados e interpretações, dirigido às comunidades acadêmica e da indústria do petróleo envolvidas com estudos geológicos, que incluem pesquisadores, especialistas, professores, e estudantes. As publicações, portanto, são de especial interesse às áreas da pesquisa e da educação universitária e interessam à comunidade nacional e internacional. 

**INFORMAÇÕES**  
 dimasdb@rc.unesp.br  
 (19) 3526-9456/9476  
 Av. 24 A, 1515 – Bela Vista, Rio Claro – SP

SÉRGIO ROBERTO SILVEIRA



Ogum – Orixá do ferro, dos ferreiros e dos caminhos, Candomblé, Salvador, Bahia, Brasil

## Textos enfocam questão racial no Brasil

FENÔMENOS  
SOCIOCULTURAIS  
SÃO ENFOCADOS

O CORPO E OS MÚLTIPLOS  
SENTIDOS NA CULTURA  
RELIGIOSA AFRO-BRASILEIRA  
DO CANDOMBLÉ

SÉRGIO ROBERTO SILVEIRA

A intenção deste artigo é apresentar uma síntese das discussões sobre os sentidos do Corpo no Candomblé, a partir dos relatos de experiências coletados nas entrevistas com praticantes e adeptos do culto, durante a investigação sobre o tema. Dentre os relatos obtidos, os dados são organizados em três categorias na análise do conteúdo das entrevistas: a) Corpo enquanto espaço físico – Corpo dos Orixás; b) Corpo e função social; e c) Corpo como elemento sagrado.

Os resultados apontam que as múltiplas formas de entendimento sobre o corpo na cultura religiosa afro-brasileira perpassam pela compreensão das funções e significados atribuídos ao mesmo dentro das esferas físicas do templo e das esferas sociais de inter-relação humana. Nas manifestações religiosas afro-brasileiras, em especial o Candomblé, depara-se com o entendimento sobre o corpo como um conceito que ultrapassa os limites físicos e fisiológicos da pessoa humana, ganhando uma expressão divina que potencializa a vida em todas as esferas (espaço religioso, espaço social e organismo humano) através da potencialização da energia vital.

Na categoria “Corpo enquanto espaço físico – Corpo dos Orixás”, o espaço físico do



© Foto: Toluay/Wikimedia

Terreiro conota a dimensão de um corpo com os órgãos representados pelos conjuntos sagrados de objetos ritualísticos e elementos da natureza que correspondem aos invólucros do Axé / energia vital. Nesse sentido, o corpo do terreiro pulsa, respira, vibra, pensa, sente, ouve e expressa sua vida nos variados rituais realizados internamente. Adentrar no espaço do Terreiro corresponde a adentrar no Corpo dos Orixás, vivo e pulsante para todos os entrevistados. Nas entrevistas depara-se com a expressão “meu corpo se repõe de energia e vida dentro do Axé”, ou seja, percebe-se uma simbiose energética que reflete no corpo físico dos praticantes e adeptos.

Na categoria “Corpo e função social”, o Terreiro tem uma estrutura de funcionamento que

favorece a compreensão dos sentidos da vida humana nas tarefas cotidianas, com base nas estruturas de gênero, idade e poder/hierarquia (poder espiritual, cargos atribuídos e tempo de iniciação ritualística). Percebe-se a distinção de tarefas corporais internas realizadas entre mulheres e homens; o acesso a determinados espaços físicos (partes do Corpo do Orixá) diferenciado pela questão de poder/hierarquia. Por outro lado, o Terreiro tem uma estrutura de organização e funcionamento de funções que permite aos participantes uma analogia com o macro de ações sociais executadas na vida cotidiana; desse modo, nos relatos observa-se a afirmação “o modo como você se comporta dentro do Terreiro é a forma como você se comporta na vida e isso é melhorado com as obrigações espirituais”.

Na categoria “Corpo como elemento sagrado” depara-se com a expressão do corpo do ser humano como agente praticante, mobilizador e beneficiário dos rituais religiosos. Culturalmente, a ligação entre o ser humano e o divino (sagrado, espiritual) se concretiza, através do corpo, considerado o espaço de morada do divino, presente em todas as pessoas, com base na potencialização do Axé, ou seja, uma força divina composta por energia vital. Essa força mobiliza a pessoa em atividades do dia a dia, como trabalho, lazer e religião. É essa força que pauta os rituais realizados internamente no Candomblé e representa a chave para o encaminhamento das necessidades humanas. A concretização dos rituais para aquisição interior dessa força dá-se pelo corpo como elemento sagrado.

Os rituais oferecidos aos adeptos e praticantes, no interior do Candomblé, tais como Ébó, Bori, Magia, Oferenda e Iniciação (Feitura de Santo), bem como a própria consulta oracular, através do Jogo de Búzios, perpassam pela estrutura física do indivíduo (corpo) e mitológica de conotação corpórea com fins de obtenção de Axé para o alcance de todos os pilares da felicidade humana: saúde, trabalho, dinheiro, sucesso, amor, sexo, família, bens materiais e longevidade nessas e em outras conquistas.



**Sérgio Roberto Silveira** tem Graduação em Licenciatura em Educação Física (EEFUSP); Mestrado em Educação (FEUSP); Doutorado em Ciências (EEFEUSP); Pós-doutorado em Pedagogia do Movimento Humano (EEFEUSP); Pós-doutorado em Cultura e Currículo (IAUNESP). Atua na Secretaria de Estado da Educação, Coordenadoria de Gestão da Educação Básica com formação contínua e produção de materiais. Na produção acadêmica atua nas seguintes Linhas de Pesquisa: a) Educação Física Escolar; b) Cultura e Movimento; c) Religião e religiosidade afro-brasileira e africana.

Nesse aspecto, o corpo é a essência real e verdadeira em que se concretizam as dinâmicas religiosas nas diversas dimensões: física; emocional-afetiva; mental-espiritual; sócio-histórica-cultural. O corpo torna-se, então, num fenômeno sociocultural representante de uma religiosidade do praticante e adepto do Candomblé, ou seja, o corpo é o templo de morada, adoração, culto, rito e manifestação viva dos Orixás na Terra.

### DESAFIOS SOBRE A ATUAÇÃO DA ONU NO COMBATE À ELIMINAÇÃO DA DESIGUALDADE RACIAL: O CASO BRASILEIRO

DANIELLE PEREIRA DE ARAÚJO E  
CRISTIANO MORINI

O processo de reconhecimento da discriminação racial e a elaboração de um plano de ação de enfrentamento às desigualdades raciais por parte do Estado brasileiro deve ser entendido a partir do reconhecimento da importância da Organização das Nações Unidas (ONU). A partir de uma pesquisa exploratória dos principais instrumentos da ONU vigentes e seus órgãos de monitoramento sobre o tema com foco no caso brasileiro, é possível afirmar que há um descumprimento por parte do Brasil dos acordos que tratam da eliminação das discriminações raciais. A hipótese sugerida neste artigo é a de que o acompanhamento feito pela ONU a respeito da efetivação dos acordos assinados se mostra insuficiente.

A atuação do Comitê para Eliminação da Desigualdade Racial (CDER), órgão da ONU responsável direto pelo acompanhamento da implementação da Convenção Internacional para Eliminação da Desigualdade Racial, pode ser categorizada em dois eixos: eixo 1 jurídico (propositivo com Conferências e debates para diretrizes de ação) e eixo 2 pautado em accountability em relação aos países-membros. No eixo 2, está o envio de relatórios por parte dos Estados-membros. Esse tem sido o mecanismo mais importante, pois as informações

presentes neles fornecem subsídios que podem ser usados para pressionar os Estados-membros. Os Estados-partes submetem à ONU um relatório sobre as medidas que adotaram para tornarem efetivas as disposições da Convenção no mínimo a cada quatro anos (1). Em relação à periodicidade do envio de relatórios consideramos problemático a ONU não determinar, mas apenas sugerir datas, deixando a cargo dos Estados a periodicidade de envio. O cumprimento do Brasil em relação aos requisitos mínimos de celeridade desse envio aponta falhas na efetividade da fiscalização pelo Comitê: o Brasil enviou em 1970, 1972, 1974, 1978, 1982, 1986. O monitoramento por parte do CDER para o recebimento do próximo relatório parece não ter logrado êxito junto ao Estado brasileiro, tendo em vista que o próximo relatório só foi enviado em 1995 (SILVA, 2013).

Em termos de qualidade do conteúdo dos relatórios, o acompanhamento por parte do CDER também parece ser falho na medida em que, tal como analisa Silva (2013), os informes enviados até 1986 pelo Estado brasileiro revelam “uma postura diplomática defensiva e laudatória de uma falsa democracia racial adotada” (p.168), no entanto, esse ‘falseamento da realidade’ persistiu por nove relatórios sob a supervisão do CDER. No período de redemocratização, o Estado continuou desrespeitando acordos: em termos de celeridade os relatórios atrasaram, só voltando a ser enviados no ano de 2004. A partir dos informes emitidos pelo Brasil, o CDER repetiu em seguidos relatórios (2004, 2008 e 2009) a solicitação de dados sobre a situação da questão racial, aceleração no processo de implementação de políticas e envio de informes no prazo.

As denúncias de violação por parte dos Estados-membros é estritamente dependente da atuação das ONGs (2) e o Comitê se limita a solicitar ao Estado denunciado informações sobre a situação e, em caso de envio das informações solicitadas, o CEDR retira o nome do Estado da situação de Alerta e Ação Urgente (3) no próximo relatório. A promoção de semi-



**Cristiano Morini é professor na Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).**

**Danielle Pereira de Araújo é doutoranda em Ciência Política no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).**

nários internacionais tem sido um dos procedimentos mais eficazes da ONU: a partir da III Conferência Mundial contra o Racismo (4), o Brasil elaborou plano de ação para eliminar desigualdades étnico-raciais. A ONU é uma instância de natureza mediadora, propositiva e por isso encontra limites no alcance de sua atuação. A atuação da ONU esbarra em uma contradição inerente ao sistema capitalista: o sistema econômico é global, mas sua operacionalização se organiza em termos de Estado-Nação. [uc](#)



## REFERÊNCIAS

SILVEIRA, S.R. *Aquisição de habilidades motoras na Educação Física Escolar*. um estudo das dicas de aprendizagem como conteúdo de ensino. 2010. Tese (Doutorado) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

\_\_\_\_\_. Religiosidade africana e a cultura religiosa afro-brasileira. In: DAXENBERGER, A.C.; SOBRINHO, R.G.S. (Orgs.).

*Comunidades quilombolas: das reflexões às práticas de inclusão social*. João Pessoa: Editora UFPB, 2013, p.11-42.

## NOTAS

(1) Nos próprios termos da Convenção: Artigo 9º – 1. Os Estados-partes comprometem-se a submeter ao Secretário Geral das Nações Unidas, para exame do Comitê, um relatório sobre as medidas legislativas, judiciárias, administrativas ou outras que adotarem para tornarem efetivas as disposições desta Convenção:

1. No prazo de um ano, a partir da entrada em vigor da Convenção, para o Estado interessado; e 2. posteriormente, pelo menos a cada quatro anos e toda vez que o Comitê vier a solicitar.

2. O Comitê poderá solicitar informações complementares aos Estados-partes.

(2) Em sua maioria são feitas por organizações não governamentais.

(3) Seção do relatório do Comitê destinada aos países que estão sob alerta e/ou ação urgente.

(4) Realizou-se na cidade de Durban, África do Sul, em 2001.



# Microcefalia: professor analisa legislação sobre o aborto

QUESTÃO SERIA DE SAÚDE PÚBLICA, NÃO DE CRIMINALIZAÇÃO

Reportagem de Maristela Garmes

**P**aulo César Borges, professor de Direito Penal da Unesp de Franca, explica como uma mulher grávida, com diagnóstico de microcefalia, deve proceder, caso queira interromper a gravidez. Comenta, ainda, sobre os entendimentos do Supremo Tribunal Federal no caso de interrupção da gravidez para os casos de microcefalia e discute também a falta de políticas efetivas do governo brasileiro para a erradicação da doença, entre outros temas.

Borges reforça que a complexidade em torno desta temática é resultado da criminalização do aborto no país. A gravidade da crise da microcefalia deve ser enfrentada como questão de saúde pública, com medidas imediatas e efetivas de política de saúde pública, nas áreas de assistência material, psicológica e jurídica, e não, jamais, como objeto de política de segurança pública.

**UC** Uma mulher grávida, que tenha feto com microcefalia, na atual legislação, pode abortar?

**Borges** O Código Penal brasileiro prevê expressamente a autorização para realização do aborto, no artigo 128, apenas nas hipóteses de: (a) risco para a vida da gestante, também denominado de aborto necessário; e (b) gravidez resultante de violência sexual (estupro), também conhecido como aborto humanitário ou sentimental. Na legislação penal brasileira não há previsão expressa de autorização da realização do aborto para os casos de feto com microcefalia e nem com outro tipo de anomalia, o que faz prevalecer, como regra, a proibição de caráter geral, quando não estiver associada à hipótese legal de riscos para a gestante. O Anteprojeto de Lei de Código Penal (PLS 236/2012), cuja tramitação de urgência



foi extinta em 2015 (Requerimento 516, de 13/5/2015) e aguarda designação de relator desde outubro/15, prevê mais duas hipóteses de aborto autorizado, no artigo 128, incisos III e IV: a) comprovada anencefalia ou “quando o feto padecer de graves e incuráveis anomalias que inviabilizem a vida extra-uterina, atestada por dois médicos”; e, b) até a décima segunda semana da gestação, quando a gestante quiser e for constatado por médico ou psicólogo que a gestante não tenha condições psicológicas de arcar com a maternidade. Se o diagnóstico médico da microcefalia puder ocorrer apenas após a 16.<sup>a</sup> semana, a última hipótese não será aplicada por referir-se à 12.<sup>a</sup> semana. Restará apenas a terceira hipótese, de anomalias graves e incuráveis, atestadas por dois médicos. Mas isto depende de ser votado e aprovado no Congresso. A gestante que tiver diagnosticada

a microcefalia e quiser interromper a gravidez terá que buscar autorização judicial, em que será feita a análise do caso concreto, apresentando a contextualização com a atual crise sanitária, e invocando a analogia com as hipóteses de aborto legal. Na comparação com o aborto necessário, há a questão da viabilidade fetal, e no aborto humanitário, há a circunstância de que se autoriza a interrupção da gravidez mesmo sem nenhuma anomalia fetal.

**UC** Sobre a questão do aborto nos casos de microcefalia, enquanto não for votado o anteprojeto do código penal que está em tramitação no Senado, como o Judiciário está conduzindo esta questão no Brasil?

**Borges** Há mobilizações sociais de diferentes matizes que contrapõem o “direito de escolha da gestante”, isto é, autodeterminação para exercício da sua liberdade sexual e reprodutiva, saúde e dignidade – destacando importantes questões de gênero e até de andronormativismo – ao “direito à vida do feto”, sem discriminação. Refletem a questão jurídica da contraposição de direitos constitucionais da gestante e do feto, que a doutrina chega a fundamentar até no exercício regular de um direito constitucional, ainda que com o sacrifício de outro direito também previsto constitucionalmente. A complexidade da temática indica que quaisquer das possibilidades trará sequelas e perdas permanentes, para quaisquer das subjetividades contempladas no caso concreto. Antes de tudo, a gestante não pode ser compelida à sua realização, mas a sua vontade livre e consciente deve ser o pressuposto para o início de qualquer análise da realização da interrupção da gravidez, que alguns autores chamam de antecipação terapêutica do parto, para afastar o estigma atribuído ao termo aborto. A exemplo da anencefalia e de outras anomalias que tornam a vida extra-uterina inviável, em que o Poder Judiciário brasileiro vem autorizando a realização do aborto de indicação eugênica, por aplicação analógica do artigo 128, inciso II, do atual Código Penal (aborto humanitário ou sentimental),

Contato do professor:  
pauloborges@franca.  
unesp.br



**Paulo César Borges,**  
professor de Direito  
Penal da Unesp de  
Franca

com fundamento na ausência de regulamentação legal, por força do artigo 4.º, da Lei de Introdução ao Código Civil (Quando a lei for omissa, o juiz decidirá o caso de acordo com a analogia...), nos casos em que a gestante optar pela interrupção da gravidez por microcefalia, deverá analisar, também, sob esta perspectiva, mas caso a caso, notadamente em razão de que a microcefalia, como regra, não é letal, e admite diferentes níveis de desvio padrão. Em pesquisa realizada no Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo não foi encontrado nenhum pedido de realização de aborto por indicação eugênica referente à microcefalia, até o momento.

**UC** A falta de políticas efetivas do governo brasileiro para a erradicação da doença pode ser justificativa para que estas mulheres realizem o aborto?

**Borges** Realmente, a falta de políticas públicas efetivas é que contribuiu para a pandemia que se constata no momento. É tão verdadeiro que uma simples pesquisa no site do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, utilizando-se o termo “direito à saúde”, referente a processos em que as pessoas buscam a sua efetivação por falta de obtenção de atendimento adequado, retorna 73.509 acórdãos! No Superior Tribu-

nal de Justiça, a mesma pesquisa apresenta 299 acórdãos e, no Supremo Tribunal Federal, são 810 acórdãos. Alega-se, por vezes, que está ocorrendo a judicialização da saúde, mas isto é efeito da falta de implementação de políticas públicas efetivas. Em relação especificamente à “microcefalia”, no TJSP, são 108 acórdãos; no STJ, são 15 decisões monocráticas; e, no STF, não há nenhuma decisão específica até o momento. A falta de erradicação da doença, por si só, não autorizará a interrupção da gravidez, embora seja relevante na contextualização do caso que for apresentado ao Judiciário. A análise que preponderará será acerca do grau de comprometimento do feto e da viabilidade da sua vida extra-uterina. A análise será sempre caso a caso. A etiologia da microcefalia é variada e a Medicina será imprescindível para a decisão final. Por exemplo: existem casos em que a criança nasceu com Síndrome Alcoólica Fetal (abuso de álcool durante a gestação), microcefalia, distúrbio de aprendizado, hiperatividade e retardo mental de grau leve/moderado. Se fosse realizada a interrupção da sua gestação, apenas com o diagnóstico da microcefalia, seria hipótese de aborto tipicamente eugênico, e criminoso, ou hipótese de interrupção terapêutica, por analogia ao aborto ético/humanitário? É essa a complexidade da temática, enquanto o aborto não vier a ser descriminalizado – e o anteprojeto mantém a incriminação – e forem estabelecidas apenas algumas hipóteses de autorização legal, como ocorre atualmente.


**UC** Qual a sua opinião acerca do entendimento do STF sobre a interrupção da gravidez de fetos anencéfalos aplicada a casos de microcefalia?

**Borges** Exceto pelo aspecto de eventual entendimento concernente à inexigibilidade de conduta diversa, as hipóteses são distintas, ao menos em tese. O debate nacional sobre os casos de anencéfalos culminou com audiências públicas e uma considerável produção científica na temática, pondo em destaque a contraposição de direitos constitucionais

da gestante (autodeterminação, liberdade sexual e reprodutiva, direito à intimidade, à saúde e ao planejamento familiar livre), que decidia interromper a gravidez – que, se fosse a termo, traria um natimorto –, e direitos constitucionais do embrião/feto (direito à vida intra-uterina, sem discriminação de qualquer natureza), concernentes à proteção inclusive internacional dos direitos do nascituro. Diversas teses foram sustentadas, chegando até a ser indicada a Lei de Transplante de Órgãos, que define o momento da morte, e que coincidiria com a situação do anencéfalo, mas o Supremo Tribunal Federal estabeleceu que, quando a gestante decide realizar a interrupção, no caso do anencéfalo, seria o caso em que, juridicamente, estaria caracterizada uma situação de inexigibilidade de conduta diversa, excluindo o juízo de reprovação e, portanto, descaracterizando o crime de aborto. Até o julgamento da ADPF 54, o Judiciário brasileiro sempre se pautou pela analogia com o aborto humanitário. O debate sobre o aborto ressurgiu neste momento, em decorrência de diversos fatores: pandemia da zika; ineficiência de medidas sanitárias a curto prazo, assim considerado o período de 9 meses, que corresponderiam a uma gestação; proliferação de casos de contaminação de gestantes, com a confirmação do diagnóstico da microcefalia em 508 casos, em Boletim do Ministério da Saúde, permanecendo 3.935 casos sob investigação, relativos a 2015/2016; transmissão do vírus *Zika* por meio do mosquito *Aedes Aegypti*, e também pelo contato com sangue humano, sêmen e saliva; complexidade ainda maior, na medida em que a microcefalia apresenta diferenças consideráveis em relação à anencefalia. Enquanto a anencefalia caracteriza-se pela má-formação do tubo neural, com ausência parcial do encéfalo e da calota craniana, com baixa expectativa de vida extra-uterina, e diagnóstico inequívoco da deformidade, a partir da 12.<sup>a</sup> semana de gestação, a microcefalia implica em dificuldades cognitivas, motoras e não é letal como regra, sendo possível seu diagnóstico a partir da 16.<sup>a</sup> semana de gestação, através

da circunferência cefálica (CC) multiplicada pela idade gestacional, resultando em índice menor que o de dois desvios padrões (2DP). A microcefalia é considerada severa se inferior a três desvios padrões (3DP) e há casos piores. O STF demorou de 17/6/2004, quando houve a distribuição da ADPF 54, até 12/4/2012 para o julgamento final, isto é, oito anos, em relação à anencefalia, que entendeu não caracterizar crime, por inexigibilidade de conduta diversa. Não se poderia esperar nova manifestação do STF em relação especificamente à microcefalia, por quase uma década, embora um posicionamento da corte uniformizaria as decisões das instâncias inferiores. Neste sentido, sob a perspectiva da vida intra-uterina, será melhor a construção jurisprudencial dos demais tribunais brasileiros, na análise dos casos in-

### A FALTA DE POLÍTICAS PÚBLICAS EFETIVAS É QUE CONTRIBUIU PARA A PANDEMIA QUE SE CONSTATA NO MOMENTO

dividuais, aplicando, ou não, a analogia para as hipóteses de anomalia fetal, dentre elas a microcefalia, quando houver comprometimento da viabilidade da vida extra-uterina, com seus efeitos sobre a saúde da gestante, diante das distinções e consequências dessas anomalias: a anencefalia é letal; a microcefalia não é letal, como regra. Por outro lado, do prisma dos direitos fundamentais e da dignidade da mulher, da liberdade sexual e reprodutiva, muito importante, ao lado da segurança jurídica, é que não seja duplamente vitimizada: 1) contaminação por falta de política pública eficiente e/ou socialmente vulnerável; e 2) incriminação, se optar pela realização do aborto, clandestino ou não. A gravidade da crise da microcefalia deve ser enfrentada com medidas imediatas e efetivas de política de saúde pública, como questão de saúde pública, com assistência material, psicológica e jurídica plenas e não, jamais, como objeto de política de segurança pública. 



Ouçã Podcast  
Especialista da Unesp  
analisa legislação  
brasileira sobre  
legalização do aborto  
<<http://goo.gl/jPtQGw>>



# Os métodos de ensinar os tons em Mandarim

ARTIGO MOSTRA DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS BRASILEIROS

**M**andarim é uma língua tonal, e o tom é o elemento que o distingue do português. Para alunos brasileiros, a aprendizagem dos tons em mandarim irá, naturalmente, encontrar algumas dificuldades. Todavia o ritmo de desenvolvimento em pesquisas sobre os métodos de ensinar os tons em mandarim ainda é tímido.

O aspecto mais fundamental da fonética da língua chinesa são cinco tons lexicais, sendo um neutro. Eles podem ser representados da seguinte forma:

O primeiro tom é descrito como alto e constante, como o barulho do tom de sino. O segundo sobe a partir de um nível intermediário até o alto, como o tom que usamos normalmente para fazer uma pergunta. O terceiro tom é considerado o mais longo, pois inicia num nível intermediário, desce e sobe novamente até um nível ligeiramente mais alto que no

início; costuma normalmente tremer o músculo da garganta quando ele chega na parte mais baixa. É como às vezes pronunciamos uma vogal com crase. O quarto tom é mais rápido, configurando uma descida rápida de um nível alto até um mais baixo, muito forte, com muita emoção, ou raiva.

Como mostrado na figura 1, os tons têm valores diferentes. O primeiro tom é de valor 55, o segundo tom é de 35, o terceiro de 214, e o quarto de 51.

O mandarim conta, também, com sândi tonal, um processo fonológico que ocorre quando um tom é modificado devido à proximidade com outro tom. Um exemplo disso é quando há o encontro de duas palavras com terceiro tom; a primeira palavra muda para o segundo tom e a segunda palavra permanece como terceiro tom (1).

### CAUSA DAS DIFICULDADES DOS TONS PARA ESTUDANTES BRASILEIROS

Para melhor análise, foi feita uma pesquisa entre os alunos no Instituto Confúcio na Unesp (2) em que 30 alunos leram as palavras com grupos de cada tom, na qual se obteve a conclusão através de mensuração a taxa correta. Para evitar a influência de outros elementos, os alunos escolhidos foram aqueles que acabaram de aprender os tons. De acordo com a pesquisa, os seguintes resultados foram obtidos.

OS TONS	A TAXA CORRETA
1	62 %
2	94%
3	59 %
4	84%

Os alunos brasileiros demonstraram que o tom mais fácil é o segundo tom, provavelmente porque ele parece o acento de interrogação em português, por exemplo, na frase “Você é chinesa, né?”, o acento de né é de mesmo tom com o segundo tom em mandarim, deste modo é mais fácil para os alunos assimilá-lo, mas ainda existiam erros no segundo tom, e a dificuldade principal sobre o segundo tom é que os alunos sempre começam o segundo tom bem mais alto, por isso não conseguem aumentar mais.

Sobre o quarto tom, ele exige uma queda forte de tom, a dificuldade consiste em não conseguir baixar o tom corretamente. Os erros ocorriam porque os alunos pronunciavam com o valor de 31 ou 41, mas esse tom precisa baixar fortemente do valor alto de 5, começar com o valor de primeiro tom, mas quando os professores enfatizam mais a necessidade de

### OS VALORES DE CADA TOM EM MANDARIM

**1.º TOM – 55**  
(alto e contínuo)  
mā / mamãe  
xiē / descansar

**2.º TOM – 35**  
(subindo)  
má / cânhamo  
xiē / sapato

**3.º TOM – 214**  
(desce e sobe)  
mǎ / cavalo  
xiē / escrever

**4.º TOM – 51**  
(cai forte)  
mà / xingar  
xiē / obrigado

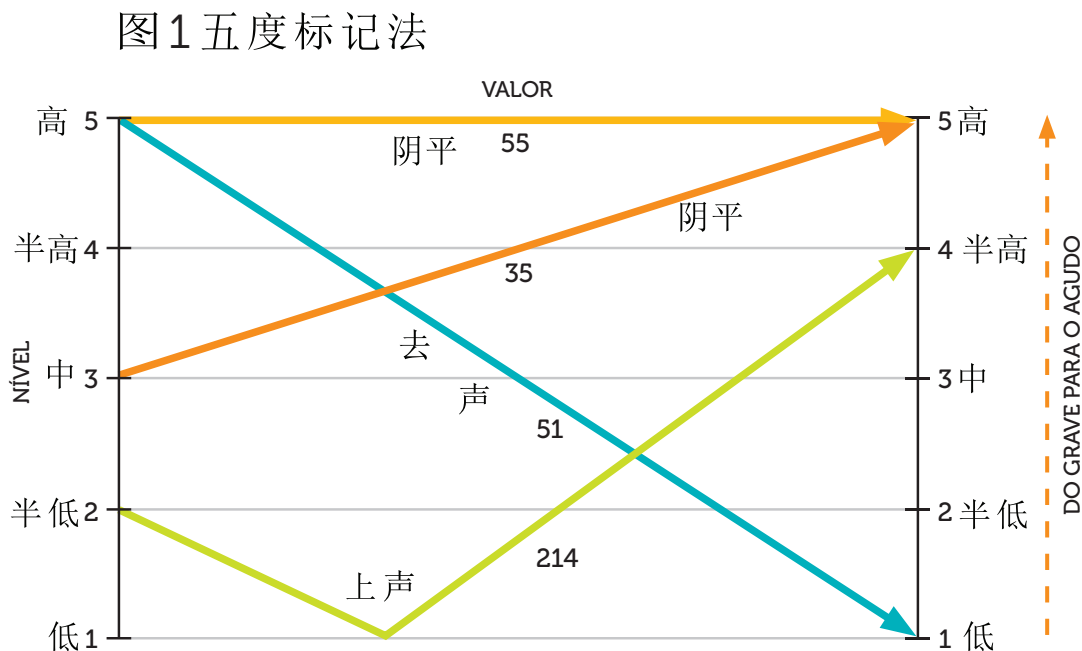


Figura 1: Os valores de cada tom em mandarim. Fonte: 黄伯荣Huang Borong, 廖序东 Liao Xudong. 现代汉语 (Chinês Moderno). Editora: 社高等教育出版社, 2011.

“queda forte” no tom, a maioria dos alunos consegue pronunciar corretamente.

Surpreendentemente, a taxa correta do primeiro tom foi baixa, isso porque o primeiro tom é o mais fácil para chineses, mas torna-se mais difícil para brasileiros. Este tom só precisa começar no tom correto, com o valor bem alto de 5; e depois ficar constante no mesmo tom, mas o problema comum é de que às vezes é difícil achar o tom de 55, pois em português não existe um tom tão alto e é difícil para os alunos pronunciarem-no.

Para o terceiro tom, que é o mais difícil, o problema é não conseguir virar nos valores, pois ele precisa fazer uma virada no tom; primeiro descer e depois aumentar, o que também não existe em português. Normalmente, quem pronuncia o terceiro tom corretamente passa por uma experiência fonética e linguística totalmente diferente daquela encontrada no idioma materno.

Para chineses, também não é fácil pronunciar com o valor 214. Geralmente, os chineses falam os valores fonéticos de 213 ou 212, que são chamados meio valor de terceiro tom.

### MÉTODOS DE ENSINAR OS TONS

**Mudar a sequência de ensinar:** ao invés de usar a sequência 1-2-3-4, ajustar para 2-1-4-3. Segundo e quarto tom são mais fáceis para brasileiros, deste modo o aprendizado se torna mais estimulante para alcançar 1 e 3; que precisam de muita prática. **Usar imitação:** o som da buzina “di-di” (1.º tom), “né” (2.º tom). **Fazer gesto:** linha reta (1.º tom), gesto de um tick, mostrando o tom descendo e subindo (3.º tom). **Enfatizar menos os tons:** deixar dominar os tons de modo imperceptível.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil, o tom em português é usado para expressar sentimento, dúvida, ênfase, final de frase. Não é assim que funciona na língua chinesa. Então, os tons são importantes e difíceis para os alunos brasileiros durante a aprendizagem.

De acordo com a pesquisa feita no Instituto Confúcio na UNESP, cada tom é de diferente grau de dificuldade para os brasileiros. Dependendo disso, podemos desenvolver diferentes métodos para ensinar os tons para brasileiros. Os métodos de gestos usados na China também podem ser usados aqui, mas a sequência que se usa na China, que é 1-2-3-4, na verdade não combina muito com os alunos brasileiros. Uma mudança de sequência para 2-1-4-3 serve melhor para os alunos. Além disso, mesmo que sejam importantes os tons, nós não precisamos enfatizar demais os tons durante o ensino, porque isto na verdade não é bom para os alunos. O mais importante é desenvolver o sentimento da língua, o que será obtido durante muita prática oral e comunicação no dia a dia. <sup>UC</sup>

#### NOTAS

(1) LIMA, Ligia Wey Neves. *O ensino de mandarim no Brasil: um estudo comparativo entre os sistemas pinyin e zhuyinfuhao*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Educação da Universidade de São Paulo – USP. p. 39.

(2) Pesquisa realizada no Instituto Confúcio da UNESP, no Câmpus de São Paulo, no período de setembro a novembro de 2015.

#### REFERÊNCIAS

Fonte: 黄伯荣 Huang Borong  
廖序东 Liao Xudong.  
现代汉语 (Chinês Moderno).  
Editora: 社高等教育出版社, 2011.

LIMA, Ligia Wey Neves. *O ensino de mandarim no Brasil: um estudo comparativo entre os sistemas pinyin e zhuyinfuhao*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Educação da Universidade de São Paulo – USP, 2012.

Liu Nian – Professora de Mandarim, Universidade de Hubei – China e Instituto Confúcio na UNESP – São Paulo. Mestre em Mandarim como Língua Estrangeira. Universidade de Hubei – China.





## *As vendedoras de hortaliças de Shanghai*

LIVRO SOBRE O TEMA DE PROFESSOR DA UNESP É RESULTADO DE SEIS VIAGENS ENTRE 2009 E 2014

A vida agitada de Shanghai não consegue esconder uma de suas preciosidades mais singelas: o seu mercado de hortaliças.

Dentro da mais populosa cidade chinesa existe uma gigantesca cadeia que alimenta seus milhões de habitantes. Por que ela se mantém assim tão visível? Simplesmente porque todo chinês come hortaliças todos os dias, questão cultural, mantida há séculos. Não tem como não precisar dela, não tem como esconder, ela tem que estar disponível, sendo uma necessidade alimentar básica.

LIN CHAU MING



Fotos retratam trejeitos, feições, atitudes, motivações, desejos e sentimentos das pessoas em atividades que envolvem as hortaliças

Produtores rurais, alguns urbanos, intermediários, empresas, centros de distribuição, vendedores de rua, ruas transformadas em mercados, mercados pequenos e outros gigantescos, supermercados simples e outros extremamente sofisticados, são tantos os locais onde as hortaliças podem ser encontradas. E consumidores de todas as ordens, aliás, todos os chineses, sem exceção, até os estrangeiros que estão ou moram por lá, precisam das verdinhas, mas desse outro tipo, menos valorizadas, mas mais nutritivas e essenciais.

Na megalópole, qual a diferença entre o rural e o urbano nessa terra onde o uso de cada metro quadrado para produzir alimentos é mais do que obrigatório? Bairros onde há pouco tempo havia agricultores, hoje são colocados abaixo para construção de enormes edifícios e indústrias. Mesmo nas áreas limítrofes, ainda são encontrados vasos, pequenos quintais, quintais comunitários e jardins, em áreas menores que um “mu”, todas cultivadas.

Mais adiante vemos estufas plásticas e fazendas produtoras de hortaliças, existe de tudo para se chegar à autossuficiência alimentar.

Que tecnologia usam? A revolução vermelha de Mao foi substituída pela revolução verde.

Um contradito? Máquinas modernas substituem a mão de obra humana. Insumos sintéticos deixam para trás os métodos naturais. A produção e produtividade aumentaram consideravelmente. Talvez em poucos anos as consequências serão observadas, agora ainda não. Há uma pequena e crescente produção orgânica, mas, concluí, ainda voltada para o público mais rico da cidade, a nova classe abastada dessa China cheia de contradições.

Como são comercializadas? Nas calçadas, em meio ao corre-corre das pessoas, ou ainda em pequenas ruelas, transformadas em feiras livres, pelos próprios produtores (em número muito menor), mas principalmente por vendedores, comerciantes, a maioria gente tão simples quanto os agricultores. Ou em um



Lin Chau Ming é professor da Faculdade de Ciências Agronômicas da Unesp de Botucatu.



sem-número de mercados públicos (e alguns privados) com dezenas, centenas de bancas com as mais variadas qualidades dessas plantas.

Há também os grandes centros distribuidores, mercados atacadistas repletos de caminhões, de empresas e intermediários, ampliando a capilaridade comercial desses produtos, com seus terminais finais nos locais onde a população escolhe o que quer comer no dia a dia.

Esta coletânea traz fotos tiradas entre 2009 e 2014, quando visitei Shanghai (e outros locais da China) em seis ocasiões, com o intuito de conhecer a vida nesse país, mas também como sua população se alimenta de hortaliças. Não foi apenas um estudo acadêmico da cadeia produtiva e da variabilidade genética dessas plantas, mas uma vivência que me permitiu conhecer pessoas que estão envolvidas nessas atividades, de uma ponta, na produção, até a outra ponta, no consumo.

Gente com os mais distintos interesses. Uns produzem em locais próximos (muito próximos,



LIN CHAU MING




na própria cidade), outros em outros condados e/ou províncias. Alguns compram deles, outros intermediam, outros fazem grandes revendas. E há ainda os que fazem o comércio varejista, picado, para os consumidores, que podem ser restaurantes ou empresas, mas principalmente a população em geral da cidade, que consome as hortaliças diariamente, sob diferentes receitas.

#### VIVÊNCIA EM VIAGENS PERMITIU AO AUTOR CONHECER PESSOAS ENVOLVIDAS DESDE A PRODUÇÃO AO CONSUMO DE HORTALIÇAS

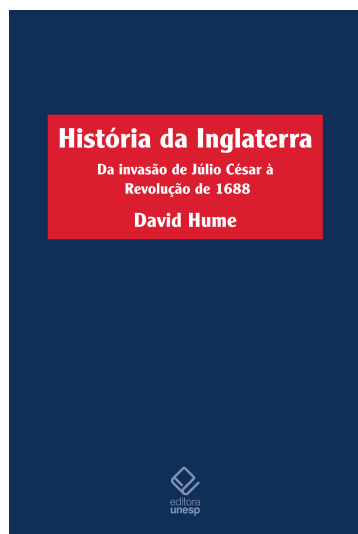
As fotos retratam alguns dos trejeitos, feições, atitudes, motivações, desejos e sentimentos das pessoas em várias das atividades que envolvem as hortaliças, captados sob as lentes de minha pequena máquina fotográfica. Há também mulheres, claro, vendedoras

de hortaliças, na terra que prefere os filhos-homem, mas aquelas em maioria na atividade.

Gostaria de agradecer a todos os que possibilitaram esses momentos mostrados agora: à professora Danfeng Huang, do Programa de Pós-Graduação em Horticultura da Shanghai Jiao Tong University e seus orientados, pelo essencial apoio nas explicações e traduções durante as visitas e conversas com as pessoas na China, aos personagens anônimos retratados, e em especial ao meu filho Leonardo, jovem fotógrafo profissional, que me motivou e incentivou a produzir e publicar esse livro. 

#### O LIVRO

*As vendedoras de hortaliças de Shanghai*,  
Lin Chau Ming  
Fundação de Estudos e Pesquisas Agrícolas  
e Florestais. FEPAF, 2015, 140 páginas.  
Informações: [linming@fca.unesp.br](mailto:linming@fca.unesp.br)



**História da Inglaterra:**  
Da invasão de Júlio César à Revolução de 1688,  
David Hume,  
Seleção, tradução,  
apresentação e notas:  
Pedro Paulo Pimenta,  
Editora Unesp,  
469 p., R\$ 78,00

**SOBRE O AUTOR**  
David Hume (1711-1776) foi um filósofo escocês da maior importância para o iluminismo. Considerado um dos três maiores empiristas britânicos, juntamente com John Locke e George Berkeley. De Hume, a Editora Unesp publicou ainda: *Tratado da natureza humana*; *Investigações sobre o entendimento humano*; e *História natural da religião*.

**ORGANIZADOR/  
TRADUTOR**  
Pedro Paulo Pimenta é graduado em Filosofia pela Universidade de São Paulo (1994), mestre (1997) e doutor (2002) pela mesma instituição, onde leciona desde 2005. Dedicou-se a estudos na área de Filosofia Moderna, com especial ênfase em autores do século XVIII. É organizador, junto com Maria das Graças de Souza, dos cinco volumes da *Enciclopédia*, de Diderot e d'Alembert.


# Filósofo analisa atores, valores e instituições

LIVRO DE HUME DESVENDA A ALMA INGLESA EM OBRA HISTÓRICA

É certamente curioso para o leitor de hoje saber que o grande êxito editorial que assegurou a fama e a segurança financeira ao filósofo David Hume foi sua *História da Inglaterra*, cuja primeira edição em português é agora lançada pela Editora Unesp. Tal sucesso entre os contemporâneos deve-se em parte ao contexto político do século XVIII, mas cabe destacar também seu talento como historiador e uma dedicação que o levou à leitura de farta documentação, entre tratados, atas, convenções e leis, e de obras consagradas, de autores clássicos, como Tácito, e modernos, como Robert Brady. Isso sem contar seus méritos literários que adicionam prazer à leitura e o fato de que se trata de uma obra que igualmente merece ser estudada como um trabalho de filosofia.

Com o intuito de se tornar o “primeiro grande historiador a escrever em língua inglesa”, Hume oferece descrições detalhadas e observações perspicazes dos eventos, assim como Montesquieu, Voltaire, Gibbon, Ferguson e Robertson, mas sua busca é por leis gerais en-

raizadas em princípios da natureza humana. Aplicando seu ceticismo moderado ao estudo da história, explicita as causas que tornaram a Inglaterra a maior nação do século XVII ao lado da França, articulando, desde a filosofia, as tramas e os conflitos entre autoridade e liberdade, desde a conquista da ilha por César até a revolução de 1688.

O trabalho original de Hume foi publicado em seis volumes durante os anos de 1754 a 1761. Deste trabalho monumental, o filósofo Pedro Paulo Pimenta selecionou textos capitais que oferecem a visão panorâmica sobre o desenvolvimento político e social da Inglaterra, além de fornecer valiosos elementos para a compreensão de seu pensamento moral e político. Material que permite não somente acompanhar o processo de formação histórica da Inglaterra, mas também entender como este contexto específico moldou a natureza humana, gerando costumes, manifestações científicas e artísticas e uma economia específicos. 

JOÃO EDUARDO HIDALGO



## O filho de Saul em Auschwitz

FILME É UM TRIBUTO PARA QUASE MEIO MILHÃO DE ALMAS QUE NUNCA VOLTARAM PARA CASA

O filme húngaro *Saul fia* (*O filho de Saul*, 2015) foi eleito o melhor filme estrangeiro pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood neste domingo, ele era de longe o melhor dos cinco indicados. *Theeb* (*O lobo do deserto*), da Jordânia, parece uma propaganda de viagem do Discovery, só tem uma coisa boa, o ator mirim protagonista Jacir Eid Al-Hwietat. Os outros atores são primários e a história, que não define os conflitos, não leva a lugar nenhum. *Mustang* (*As cinco graças*) é um filme fraco, mal dirigido, que não enfrenta os preconceitos que mostra. Para fugir de complicações maiores o roteiro foge da estrutura familiar clássica, os pais morreram e as cinco protagonistas são criadas por uma avó fraca e por um tio que é a personificação do machismo. Na resolução dos conflitos que afligem as jovens somos

apresentados ao destino delas, que representa a condição da mulher na Turquia contemporânea. Segundo a diretora, ela tem três saídas: casar-se com quem mandarem, suicidar-se ou fugir. *El abrazo de la serpiente* (*O abraço da serpente*) tem tudo o que Hollywood gosta, Rain Forest, nativos falando em língua exótica e paisagem deslumbrante; apesar da boa história perde-se no final e termina de maneira amadora. Em nome de ser uma obra aberta, ficamos sem saber o destino de todos os personagens. *Krigen* é o de sempre, heróis metendo-se em uma guerra que não é deles e sofrendo muito, já tivemos o bastante disto.

*Saul fia* foi escrito e dirigido pelo jovem diretor húngaro László Nemes com inspiração e com maestria. A imagem é retangular, proporção 1.33, formato do cinema clássico que perdurou de 1895 até meados dos anos 1950,



quando a imagem entrou na era do cinemascope e saltou para 2.55, praticamente dobrando de tamanho. As imagens são coloridas, mas têm saturação baixa e em alguns momentos chegam perto do preto e branco. Lembremos que a cor chegou aos filmes fotográficos comerciais em 1935 e nos anos 1940 elas ainda estavam se desenvolvendo. A ação do filme localiza-se no final de 1944, natural que a imagem seja levemente retangular e com uma cor esmaecida, perfeitamente ligada à época que representa.

A história de Saul, o talentoso ator Géza Röhrg, acontece no pior dos 20.000 lugares de tortura e extermínio criados pela SS nazista, Auschwitz. O campo foi criado por ordem direta do chefe da SS, o limitado e virulento ex-criador de galinhas Heinrich Himmler, em abril de 1940 e foi liberado pelos aliados

em 27 de janeiro de 1945. Somos informados no início do filme que estamos em outubro de 1944, três meses antes do final do campo, e um olhar mais atento nota um problema óbvio na caracterização dos atores, muito peso e muito cabelo. Este foi o pior período de Auschwitz, faltavam suprimentos inclusive para os oficiais nazistas que administravam o lugar, a Alemanha já estava de joelhos. Os prisioneiros deste período eram conhecidos como “muçulmanos” pela aparência esquelética e por já estarem num torpor que os fazia murmurar frases sem sentido e quase inaudíveis.

Saul faz parte do Sonderkommando, um grupo de judeus escolhidos para conduzirem outros judeus para as câmaras de gás e para as valas de execução, em contrapartida têm acesso ao barracão onde são guardados os pertences dos executados, chamado de Kanada, onde podiam ser encontrados ouro, jóias, diamantes, moedas de vários países e comida.

Na cena inicial vemos um grupo de pessoas andando na floresta com imagem desfocada, que só recupera o balanço quando o rosto de Saul aproxima-se da câmera e por aí fica em longos planos. É a chamada câmera subjetiva, que mostra o ponto de vista de Saul, ou na maioria dos planos conta a história dele da maneira mais próxima possível. Esta câmera nos transforma em prisioneiros do campo, somos sugados para dentro do filme até seu desfecho. Vemos todas as feridas que Saul tem no rosto, no couro cabeludo, sua cor doentia de quem se alimenta mal, não dorme e que, principalmente, está com a alma dilacerada. Nesta Auschwitz Saul tem, historicamente, a companhia de dois dos mais contundentes companheiros possíveis, Anne Frank (1929-1945) e Primo Levi (1919-1987). Anne Frank foi enviada com a família diretamente da Holanda para Auschwitz, o número de holandeses exterminados no campo foi de 60.000; Primo Levi foi escolhido pela mão do destino dentre meros 650 judeus italianos enviados para lá. Anne Frank foi mandada junto com a irmã, no final de outubro de 1944, para Bergen-Belsen, onde ambas morreram de tifo em março



**João Eduardo Hidalgo**, doutor em Comunicação pela USP e pela Universidad Complutense de Madrid, é professor da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Unesp de Bauru.

Versão reduzida deste artigo foi originalmente publicada no *Estadão Noite* de 29 de fevereiro de 2016.

JOÃO EDUARDO HIDALGO



seguinte (vale a pena conhecer a meticulosa biografia escrita por Melissa Müller, *Anne Frank – The biography*). Primo Levi foi libertado, voltou para Turim, foi uma voz importante na divulgação das atrocidades nazistas, mas nunca se recuperou, suicidando-se em 1987. Anne Frank é autora de um diário que até hoje é campeão de vendas e de sensibilização, Primo Levi escreveu, entre outros livros, *É isto um homem*, que dispensa comentários já pelo título. Segundo o amigo e também escritor Elie Wiesel, “Primo Levi morreu em Auschwitz, quarenta anos depois de libertado”. Da estimativa de mortos em Auschwitz, que gira em torno de um milhão, 460.000, ou seja, metade, eram húngaros, como o personagem Saul. Quando o diretor agradece o apoio da Hungria na realização do filme entendemos que ele é um tributo para quase meio milhão de almas que nunca voltaram para casa; e o monumento cinematográfico que ele criou é uma obra merecida para a memória de uma nação aviltada.

© Foto: AFP / Divulgação

Enfatizo, a principal qualidade do filme é o uso de um procedimento técnico, um close quase permanente e planos longos que aprisionam o espectador dentro da rotina desumana de Saul. Não temos escolha, temos que passar por toda a brutalidade a que ele está à mercê, que vai de encaminhar velhos, crianças e doentes para a morte sem esboçar pena, e esperar pelo fim dos mesmos dentro das câmaras de gás enquanto as vítimas emitem sons de congelar o coração dos mais duros.

Num destes duros dias Saul vê um garoto que sobrevive a câmara de gás, mas que é sufocado pelo comandante, que não suporta ver uma exceção dentro da máquina nazista de extermínio. Sem nenhuma razão racional, a estraçalhada alma de Saul escolhe o menino como filho e passa o dia todo procurando por um rabino para realizar o enterro, que é proibido pelo código do campo, os corpos devem ser incinerados e as cinzas jogadas no rio. Os amigos não entendem a obstinação de Saul, sabem que ele não tem filho, alguns reagem com raiva e outros com compaixão. Saul consegue um suposto rabino, mas uma parte do sonderkommando planejou uma fuga e não há tempo para enterros, Saul foge carregando o corpo do menino nas costas, ao aproximar-se do rio são descobertos e mesmo sob fogo ele não solta o corpo, quase se afoga e é salvo por um companheiro, enquanto o suposto filho flutua rio abaixo. Dentro da floresta o grupo encontra uma cabana e refugia-se, na porta aparece um menino, parecido com o filho de Saul, que está molhado e o encara fixamente, neste momento percebemos que a alma de Saul encontrou a redenção; agora a câmera aproxima-se do rosto do menino que foge ao perceber a chegada de soldados e nós o acompanhamos até que ele desapareça dentro da floresta, enquanto ouvimos sons de tiros e imaginamos o destino dos fugitivos, mas nós também estamos redimidos, Saul morreu com a alma e a esperança renovadas.

Em 2015 a humanidade celebrou 70 anos do final de uma guerra que mudou o seu destino, em janeiro Auschwitz recebeu a visita de

mais de 300 sobreviventes e as imagens foram divulgadas no mundo todo. Neste contexto *O filho de Saul* foi criado e vale lembrar que o representante da Alemanha, para concorrer ao Oscar de Filme Estrangeiro, *Im Labyrinth des Schweigens* (*Labirinto de mentiras*), trata dos primeiros processos alemães contra oficiais nazistas que atuaram em Auschwitz, e

**A PRINCIPAL QUALIDADE DO FILME É O USO DE UM PROCEDIMENTO TÉCNICO, UM CLOSE QUASE PERMANENTE E PLANOS LONGOS QUE APRISIONAM O ESPECTADOR DENTRO DA ROTINA DESUMANA DE SAUL.**

fala do despistamento/ocultação com o qual o “inocente” povo alemão tratou o tema depois do final do conflito. Em tempo, o filme *Labirinto de mentiras* é escrito e dirigido por um italiano, Giulio Ricciarelli, a Alemanha ainda tem muitos fantasmas para enfrentar, mas a Hungria pode respirar aliviada, Saul e seu filho estão salvos e por uma ação de seu próprio povo. **UC**



**O Filho de Saul**  
(*Saul Fia*),  
Direção: László Nemes;  
Elenco: Géza Röhrig,  
Sándor Zsótér, Levente  
Molnár, e outros;  
Gênero: Drama;  
Nacionalidade:  
Hungria;  
Sony Pictures, 2015

# Joy como personificação do empreendedorismo

FILME DESPERTA  
QUESTÕES  
SOBRE  
PROPRIEDADE  
INTELLECTUAL

O filme *Joy*, dirigido por David O. Russell, em 2015, é uma semibiografia da norte-americana Joy Mangano, interpretada no cinema por Jennifer Lawrence. Apesar de suas licenças artísticas – a começar pelo fato de que na vida real Joy tem três filhos, ao invés de dois –, o filme desperta questões interessantes acerca de empreendedorismo, inovação e propriedade intelectual.

Inovação e empreendedorismo são processos bastante estudados, com o delineamento dos elementos pré-condicionantes, etapas de desenvolvimento, atitudes etc. Na prática, o empreendedor solitário – aquele indivíduo que por vontade própria ou força das circunstâncias externas acaba por entrar nesses processos – vivencia experiências desordenadas e excruciantes, que exigem níveis de dedicação e persistência elevadíssimos, e que levam muitos a desistirem da empreitada.

Joy Mangano tem as típicas características de um empreendedor: é determinada e auto-

confiante, criativa, enérgica, persistente e com um grande poder de persuasão. Tanto que as vendas de seu primeiro produto – o Miracle Mop – decolaram quando ela mesma apareceu como saleswoman em um programa televisivo: foram vendidas dezoito mil unidades em menos de meia hora!

Nem todos os indivíduos empreendedores são inovadores, mas todos aqueles que inovam têm espírito empreendedor. Joy enquadra-se neste último tipo: toda sua história está envolvida com a criação, desenvolvimento e lançamento de novos produtos no mercado. Caso tivesse aplicado seus recursos financeiros para estabelecer uma unidade franqueada, como uma loja da rede *Multicoisas*, suas características empreendedoras continuariam aparentes, mas com limitações. Franquia é um modelo de negócio que permite pequeno grau de inovação e autonomia: em troca da minimização de riscos, o empreendedor franqueado deve sempre seguir os modelos desenvolvidos





© Fotos: Divulgação/ Twentieth Century Fox Film Corporation

FABIOLA SPIANDORELLO



© Fotos: Divulgação/Twentieth Century Fox Film Corporation

pela franqueadora, mantendo-se dentro de padrões. Se tivesse seguido o caminho deste exemplo, Joy possivelmente teria esfregões, que não o Miracle Mop, à venda nas prateleiras de sua loja.

**OS VERDADEIROS MILIONÁRIOS DO SÉCULO XXI SERÃO MEDIDOS NÃO SOMENTE EM TERMOS FINANCEIROS, MAS TAMBÉM EM TERMOS DO NÚMERO DE PESSOAS QUE CONSEGUIRAM INFLUENCIAR COM SUAS IDEIAS, SEUS PRODUTOS**



Fabiola Spiandorello  
é Gerente de  
Propriedade  
Intelectual da Agência  
Unesp de Inovação.

Os produtos comercializados pela empresa comandada por Joy, a Ingenious Designs, têm uma complexidade tecnológica média-baixa – não podem ser considerados de alta tecnologia. De uma maneira geral, são melhorias funcionais ou de design de produtos para o lar que já existem no mercado: cabides, saboneteiras, guarda-chuvas etc. O esfregão Miracle Mop, emblemático da carreira de Joy, é produto de uma melhoria funcional dos esfregões já

existentes à época que não atendiam a todas as necessidades.

Joy nunca descuidou da propriedade intelectual de suas criações, sendo que ela é nominada inventora em mais de sessenta patentes e desenhos industriais. Ainda, há diversas marcas registradas em seu nome, e no nome da empresa Ingenious Designs. No Brasil, tais produtos não são protegidos por patentes ou desenhos industriais – indicando que nosso país não é considerado um mercado para os produtos da empresa da empreendedora.


Um empreendedor individual levantar fundos para iniciar uma empresa baseada em um único produto – e não uma plataforma tecnológica – e que é uma inovação incremental (uma melhoria dos esfregões já existentes) é um desafio considerável. Dois grandes diferenciais do Miracle Mop: o apelo quanto à facilidade de uso para uma atividade necessária em toda residência e estabelecimento (limpar o pavimento) e a óbvia capacidade de escalonamento de vendas.

Mais por bom senso e intuição – apesar de

ter formação em administração, o conceito de Produto Viável Mínimo ainda não havia sido elaborado –, no ano de 1990 Joy criou um protótipo de seu Miracle Mop. E, ao final do processo de desenvolvimento do esfregão e produção do lote piloto, foram investidos cerca de cem mil dólares – financiados pelas economias da própria Joy, de seus familiares (family), amigos (friends) e alhures (fools?), demonstrando sua disposição em assumir riscos, outra característica essencial ao empreendedor.

No primeiro ano em que o produto foi introduzido no mercado (1991), apenas alguns milhares foram vendidos – a força de vendas era composta por Joy e seus filhos. Havia então a necessidade de escalonar e alcançar o próximo nível; e para tanto Joy fez um pitch do esfregão para executivos da emissora QVC, em 1992. Assim, encontrou seu principal canal de distribuição: programas televisivos de vendas, sendo que estas saltaram de apenas alguns milhares durante o ano para mais de dezoito mil unidades em menos de meia hora.

Sete anos após a estreia nas vendas televisivas, e com a agregação de diversos produtos, Joy vendeu sua empresa para a controladora da HSN – a emissora de TV que produz os programas de tele vendas que projetaram Joy e seu Miracle Mop. Mesmo assim, a Ingenious Designs continua sendo uma empresa familiar, com a empreendedora à frente dos negócios. A filha de Joy é vice-presidente de desenvolvimento de marca, merchandising e estratégia de marketing; seu filho, vice-presidente para estratégia de negócios e desenvolvimento. E seu genro, produtor na HSN.

Em algum momento, foi dito que os verdadeiros milionários do século XXI serão medidos não somente em termos financeiros, mas também em termos do número de pessoas que conseguiram influenciar com suas ideias, seus produtos. Joy Mangano é uma representante dessa nova definição: além de vender cerca de cento e cinquenta milhões de dólares anualmente, no último dia 3 de janeiro, duzentas e cinquenta mil unidades do Miracle Mop foram vendidas em apenas 24 horas de programas da HSN. 



*Joy: o nome do sucesso (Joy),*  
 Direção: David O. Russell;  
 Elenco: Jennifer Lawrence, Robert De Niro, Bradley Cooper, e outros;  
 Gênero: Drama;  
 Nacionalidade: EUA;  
 FOX Filmes, 2015





Em 2015 a Unesp foi a universidade escolhida pela Secretaria de Educação do município de São Paulo, por meio de dois editais, para o oferecimento de dois cursos de especialização na área da Educação Especial, na modalidade semipresencial. São 150 vagas em cada um dos seguintes cursos: Especialização em Altas Habilidades e Superdotação, e Especialização em Deficiência Auditiva/Surdez.

A Secretaria Municipal de Educação irá financiar os dois cursos por meio de parceria estabelecida entre a Unesp com apoio da Fundunesp. O gerenciamento das atividades acadêmicas e recursos de informática dos cursos será realizado por meio do Núcleo de Educação a Distância (NEaD) da Unesp.

A abertura dos dois cursos, que serão realizados na modalidade semipresencial, ocorreu no dia 8 de março no Instituto de Artes (IA) da Unesp, em São Paulo, SP, com a Aula Inaugural proferida pelo prefeito de São Paulo, Fernando Haddad. Na abertura do evento, o Hino Nacional foi interpretado na linguagem de sinais por alunos da Escola Municipal de Educação Bilíngue para Surdos (EMEBS) Mário Pereira Bicudo, situada no bairro da Cachoeirinha, São Paulo – SP.

Assista ao vídeo da cerimônia em: <<https://youtu.be/MGSkzGMn0wI>>.





© Arquivo pessoal



Paulo Henrique Martinez é professor no Departamento de História da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp em Assis

## História Mundial na Base Nacional Curricular


A construção da Base Nacional Curricular Comum (BNCC) da Educação Básica tem gerado debates e indagações quanto aos componentes curriculares nas disciplinas escolares. Inquieta a imaginação de administradores, educadores, professores e estudantes. A consulta pública possibilita ampla participação de profissionais, pais e alunos, aproximando o debate educacional do conjunto da sociedade. A consulta pública já representa uma conquista social. Um ato educativo de grande alcance e significado político.

O componente curricular da disciplina de História ganhou destaque em encruzilhadas que vão além de opções ideológicas e de dúvidas quanto ao conteúdo apropriado. A polêmica traduz a própria dinâmica social do Brasil no século XXI. O conhecimento histórico segue de perto a movimentação das camadas sociais que ganharam realce na vida brasileira nas três últimas décadas. O acesso ao mercado de consumo, emprego e renda deu visibilidade pública a segmentos secularmente preteridos no dia a dia nacional. O abalo do eurocentrismo, da “civilização nos trópicos”, da Paris na América, torna-se inevitável.

O ingresso maciço de novos conhecimentos sobre as sociedades indígenas, africanas e a diáspora africana no Brasil, resultantes da recente e qualificada pesquisa histórica, é indicativo da pertinência, atualidade e necessidade de sua ampla socialização na Educação Básica. O deslocamento de outros componentes curriculares, notadamente da história europeia, despertou reações igualmente pertinentes. O Ministério da Educação noticiou que dará

mais espaço à história mundial na próxima versão da BNCC. Um novo equilíbrio entre história geral e do Brasil no currículo escolar e no ensino de História, porém, não inclui a nova história mundial.

A compreensão da formação do povo brasileiro e da construção da cidadania convergem no estudo do imaginário e do estado nacional no Brasil. As interações do Brasil com o mundo, a sua projeção exterior, participação no mercado mundial e no sistema das Nações Unidas não são suficientes para entender que a história mundial foi admitida na BNCC. A história das nações procura evidenciar a identidade – étnica, religiosa, cultural e, sobretudo, política – e legitimar a unidade histórica do estado e da organização da sociedade. Nesta perspectiva, ela remonta à modernidade europeia anunciada pela expansão marítima e a colonização moderna.

A história mundial possui uma escala própria de observação espaço-temporal, a dos fenômenos globais. Esta é sua unidade de investigação e de análise. Nas últimas décadas, eventos desta dimensão respondem por novas e crescentes experiências humanas, transfronteiriças e massivas. Epidemias, meio ambiente, mídia, direitos humanos, migrações, selam destinos coletivos e informam novas percepções e representações do passado e do presente, dão corpo e alma a uma nova consciência histórica. Esta não é a história do Ocidente ou da Europa, apenas, é a história da presença humana no planeta. A história mundial não está na BNCC. Terá lugar na versão prevista para maio deste ano? 

# Horkheimer

explora as camadas mais profundas da civilização ocidental

Em sua investigação sobre o conceito de racionalidade, expoente da Escola de Frankfurt busca entender como a barbárie se instala em meio ao apogeu da razão

Em meados dos anos 1940, Max Horkheimer questiona angustiado como evitar que a barbárie representada pelo nazifascismo e então recentemente derrotada na Europa retornasse ao Ocidente. Isto porque, argumenta, o neobarbarismo estaria presente nas próprias fundações da sociedade, na promessa de progresso que anularia o próprio objetivo que deveria realizar: a humanização.

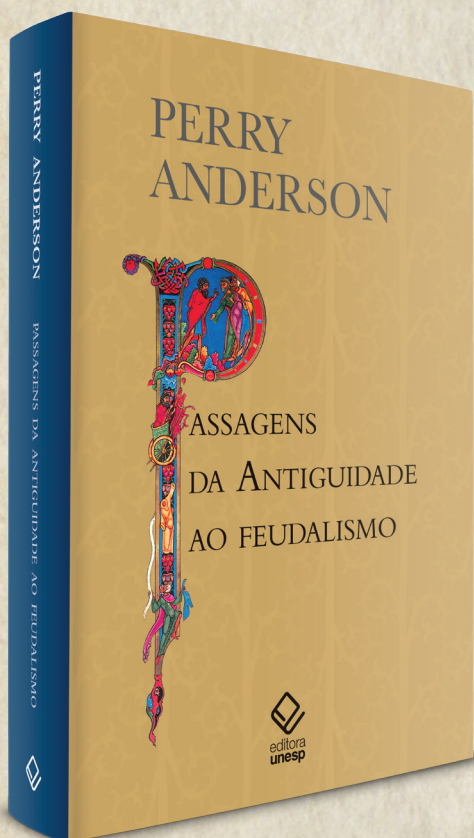
Max Horkheimer **Eclipse da razão**  
207 páginas | **R\$ 48**





# assagens da Antiguidade ao feudalismo *Perry Anderson*

Obra de referência não apenas para historiadores, mas para todos os interessados em história antiga e medieval



Perry Anderson se debruça sobre o processo de transformação das sociedades antigas, baseadas em um sistema escravista, em uma sociedade cujo sustentáculo era o modo de produção feudal.

O leitor é guiado pela ótica marxista de Anderson ao cerne de questões sociais e políticas originadas no período clássico e que se mantiveram atuantes até o nascimento dos Estados modernos e suas monarquias absolutistas. Em uma argumentação alicerçada no materialismo histórico, o autor lança luz sobre um período da história europeia pouco estudado por essa corrente historiográfica – atenta, mais comumente, ao desenvolvimento do capitalismo.

360 páginas | R\$ 74



editora  
unesp

Produzir conteúdo,  
Compartilhar conhecimento.  
Editora Unesp, desde 1987  
[www.editoraunesp.com.br](http://www.editoraunesp.com.br)